

ALMIR GRIGORIO DOS SANTOS

**O processo de gramaticalização dos advérbios no gênero
jornalístico crônica.**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC/SP
SÃO PAULO – 2011.**

ALMIR GRIGORIO DOS SANTOS

**O processo de gramaticalização dos advérbios no gênero
jornalístico crônica.**

Monografia realizada sob a orientação da
professora Doutora Dieli Vesaro Palma como
exigência parcial para a conclusão do curso de
especialização Lato Sensu em Língua Portuguesa
da PUC/SP

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC/SP
SÃO PAULO – 2011.**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
I. GRAMATICALIZAÇÃO.....	04
1.1 CONCEITO DE GRAMATICALIZAÇÃO.....	04
1.2 PRINCÍPIOS DE GRAMATICALIZAÇÃO.....	08
1.3 CARACTERÍSTICAS DA GRAMATICALIZAÇÃO.....	10
1.4 MECANISMOS DE GRAMATICALIZAÇÃO.....	12
II. ADVÉRBIO.....	16
2.1 ADVÉRBIO: UMA CLASSE DE PALAVRAS QUE ABRIGA VALORES SIGNIFICATIVOS DIVERSOS NA GRAMÁTICA TRADICIONAL.....	16
2.2 O ADVÉRBIO NA GRAMÁTICA NORMATIVA.....	17
2.3 O ADVÉRBIO NA GRAMÁTICA FUNCIONAL.....	19
2.3.1 O ADVÉRBIO NA GRAMÁTICA DE USOS.....	22
III. ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	30
3.1 ANÁLISE.....	35
3.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	43
CONCLUSÃO.....	45
BIBLIOGRAFIA.....	47
ANEXOS	50

INTRODUÇÃO

O tema desse trabalho é o processo de gramaticalização dos advérbios no gênero jornalístico “crônica”. As questões que direcionaram nosso estudo foram:

- Pode-se afirmar que os advérbios estão de fato, passando por um processo de gramaticalização na língua escrita?

- Será que a forma como a gramática tradicional aborda o advérbio dá conta dos casos encontrados no gênero jornalístico “crônica”, no dia a dia, na língua em uso comum?

Com base nessas questões, o trabalho tem como objetivos:

- analisar o gênero jornalístico “crônica”, a fim de verificar se os advérbios estão, de fato, passando por um processo de gramaticalização na língua escrita;

- com base na análise feita, conferir se a forma como a gramática tradicional aborda os advérbios dá conta das ocorrências na língua em uso comum no dia a dia, no gênero jornalístico “crônica”?

Sabemos que a língua é um instrumento vivo, que está em constante processo de transformação e de mudança. Com fundamento na observação da língua em uso no dia a dia, surgiu esse tema.

Assim, considerando que a língua é viva e está em constante processo de transformação, podemos notar que existem várias diferenças entre a língua falada e a língua escrita.

De acordo com Marcuschi (2004) existe um continuum que se manifesta na fala e na escrita, pelo fato das relações entre elas não serem óbvias e nem lineares.

As línguas mudam com o passar do tempo, ou seja, as línguas humanas não constituem realidades estáticas. Ao contrário, sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo e, em decorrência dessa alteração contínua, podem-se observar constantes transformações na configuração estrutural das línguas sem que, no entanto, se perca, em qualquer momento, aquele aspecto que costuma ser chamado de plenitude estrutural e potencial semiótico das línguas.

As línguas estão em movimento, mas nunca perdem seu caráter sistêmico e nunca deixam os falantes sem elementos necessários para estabelecer comunicação e produção de significados, ou seja, as línguas mudam, mas continuam organizadas e oferecendo a seus falantes os recursos necessários para a circulação dos significados.

As pessoas, ou melhor, os falantes nunca têm a consciência de que sua língua está mudando, sempre pensam que é imutável e não sofre nenhum tipo de alteração e não é bem isso o que acontece com a língua em uso no dia a dia. Vale lembrar que a mudança atinge

sempre partes e não o todo da língua, ou seja, ela é contínua, mas não generalizada, e elas muitas vezes, não é notada pelos falantes.

Existem situações em que os falantes acabam por perceber a existência de mudanças: por exemplo, quando expostos a textos muito antigos ou quando pesquisam as mudanças existentes em sua língua, mas, em muitos outros casos, não notam diferenças. Achem o fenômeno que está acontecendo com a língua algo natural, legal, interessante e não têm a preocupação e o interesse que um pesquisador tem, que é entender e compreender determinado fenômeno, o que o ocasionou, por que aconteceu, quando começou. Essas são preocupações que só quem é pesquisador as tem, pois os falantes não estão preocupados em saber o que muda ou não muda na língua, já que eles querem é falar, ser compreendidos, entender e compreender o outro.

Cada estado da língua, definível no presente ou em qualquer ponto do passado, é sempre resultado de um longo e contínuo processo histórico do mesmo modo que, em cada momento do tempo, as mudanças estão ocorrendo, ainda que imperceptíveis aos falantes.

Gonçalves (2007) diz que a constante renovação do sistema linguístico – percebida, sobretudo, pelo surgimento de novas funções para formas já existentes e de novas formas para funções já existentes – traz à tona a noção de “gramática emergente”, uma concepção assumida de modo explícito por diversos estudiosos da gramaticalização.

Hopper (*apud* Gonçalves 2007), entende a gramática das línguas como constituída de partes cujo estatuto vai sendo constantemente negociado na fala, não podendo em princípio ser separado das estratégias de construção do discurso. Subjazem a esse entendimento uma concepção de língua como atividade em tempo real e a postulação de que, a rigor, não há gramática como produto acabado, mas sim em constante processo de gramaticalização. De acordo com Luft (2008), a gramática completa de uma língua viva deveria registrar sua variabilidade e as tendências evolutivas das regras gramaticais.

A gramática normativa não dá importância para as diferenças que existem entre a língua falada e a língua escrita, não aborda a renovação do sistema linguístico e muito menos questões da fala e da língua em uso no dia a dia. Ela simplesmente registra o uso da norma padrão da língua, prescrevendo como correto somente o que está nela, ou seja, aquilo que segue as regras de bom uso, sem levar em consideração que a língua é um instrumento vivo e que as pessoas estão sempre interagindo umas com as outras de forma espontânea.

As pessoas nas ruas, no dia a dia, no uso comum da língua, não se comunicam de acordo com as regras estabelecidas pela gramática tradicional.

Elas trocam informações de forma espontânea e natural, sem a preocupação de usar uma palavra adequadamente, com sua regência correta, ou seja, a fala é espontânea, ocorre de

forma livre e natural, fato também observado em alguns gêneros jornalístico que mais se aproximam da língua falada, como por exemplo a crônica.

As crônicas são gêneros textuais que se aproximam muito da língua falada. Os textos que concretizam esse gênero são curtos, com linguagem simples e espontânea, relatam fatos do cotidiano e o cronista tenta aproximá-los o máximo possível da língua falada no dia a dia.

A gramática tradicional não reconhece esse caráter mutável da língua. Notamos, muitas vezes, que as classes gramaticais, em muitos textos escritos, não exercem de fato a sua função segundo a gramática normativa, ou seja, advérbios não exercem a função de advérbio, adjetivos não exercem a função de adjetivo e assim por diante. Esse caráter de instabilidade de uma língua viva, como veremos na análise, caracteriza o processo de gramaticalização dos advérbios no gênero jornalístico “crônica”.

Esse trabalho está organizado em três capítulos. No capítulo 1, caracterizamos a **gramaticalização**, abordando sua conceituação, a designação do processo de gramaticalização e o seu percurso histórico. Tratamos também dos princípios de gramaticalização, características da gramaticalização e mecanismos de gramaticalização.

No capítulo 2, focalizamos os **advérbios**, de acordo com a gramática tradicional, a gramática de usos da Língua Portuguesa, conceituando e definindo o seu uso na perspectiva dessas gramáticas.

No capítulo 3, com base nos conceitos estudados nos capítulos 1 e 2, analisamos algumas crônicas jornalísticas dos escritores Arnaldo Jabor, que escreve às terças-feiras no jornal O Estado de São Paulo, no caderno2 e Ferreira Gullar, que escreve aos domingos no jornal Folha de São Paulo, no caderno Ilustrada, com o objetivo de discutir o processo de gramaticalização dos advérbios.

A seguir apresentamos considerações sobre a gramaticalização.

I. GRAMATICALIZAÇÃO

Nesse capítulo, tratamos da gramaticalização. Nosso objetivo é traçar sua caracterização. Para tanto, abordamos o conceito de gramaticalização, seu percurso histórico, os princípios de gramaticalização, algumas características da gramaticalização e os mecanismos de gramaticalização.

1.1. CONCEITO DE GRAMATICALIZAÇÃO

A partir de 1980, aumenta-se o interesse pelos estudos de gramaticalização. Maria Helena de Moura Neves (1997), afirma que os estudos tiveram seu início no século X na china e, a partir do século XVII, na França, Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos. No século XX, foi Antonie Meillet (1912) quem primeiro empregou o termo *gramaticalização* definindo esse processo como a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma. Esse estudioso também observou em suas pesquisas que, em todos os casos de gramaticalização, era possível chegar-se à fonte primária de uma forma gramatical.

A gramaticalização caracteriza-se como um tipo especial de mudança linguística que revela como unidades ou construções de base lexical, em determinados contextos linguísticos, passam a exercer funções gramaticais e, se já gramaticalizadas, podem vir a desenvolver funções ainda mais gramaticais. É importante destacar que há na língua um movimento constante que transforma os itens lexicais em palavras gramaticais, e esse movimento vai sendo constantemente negociado na fala por meio do discurso e os falantes, sem se darem conta do que está acontecendo, vão renovando a língua dia após dia.

Esse tipo de mudança linguística requer uma concepção não-estática da gramática das línguas humanas, o que em outras palavras significa assumir que o sistema linguístico está em constante renovação a cada dia que passa. Desse modo, não há, a rigor, gramática como produto acabado, mas, sim, como produto de constante gramaticalização, ou seja, esse processo mostra que a língua é viva, é espontânea e está em constante processo de transformação e evolução que se dá por meio do processo interacional entre as pessoas na convivência diária em sociedade.

Essas mudanças são explicadas pela teoria da interação social à qual a gramática funcional está ligada. Essa modalidade de gramática entende a língua como um instrumento de ação social entre as pessoas, usado como objetivo principal para estabelecer relações interacionais comunicativas.

Para Brait (2003, p. 220, 222),

o processo da interação é um componente do processo de comunicação, de significação, de construção de sentido e que faz parte de todo ato de linguagem. É um fenômeno sociocultural, com características linguísticas e discursivas passíveis de serem observadas, descritas, analisadas e interpretadas. Os falantes não somente trocam informações e expressam ideias, mas também, durante um diálogo, constroem juntos o texto, desempenhando papéis que, exatamente como uma partida de um jogo qualquer, visam à atuação sobre o outro.

A gramaticalização pode ser situada numa perspectiva sincrônica, diacrônica e também pancrônica que são maneiras de se estudar a língua. A sincronia refere-se a um recorte no tempo para estudo da língua, a diacronia refere-se ao eixo histórico e a comparação evolutiva da língua, a pancronia, corresponde à união da sincronia e diacronia.

De acordo com Alencar (2009, p.35),

o estudo de gramaticalização numa perspectiva sincrônica, objetiva estudar o fenômeno do ponto de vista de padrões fluidos do uso linguístico, já a linguística diacrônica incorpora a gramaticalização como um meio para analisar a evolução e reconstruir a história de uma determinada língua ou grupos de língua, além de relacionar as estruturas linguísticas do momento com padrões anteriores e de uso linguístico e por último a perspectiva pancrônica que nada mais é do que a união da sincronia e da diacronia mostrando que uma não pode ser entendida sem a outra, que a gramaticalização é impraticável se houver separação rígida entre sincronia e diacronia.

A gramaticalização também pode ser tratada do ponto de vista cognitivo, segundo o qual ela é um processo instantâneo, envolvendo um ato mental pelo qual uma relação de similaridade é reconhecida e é explorada, sendo assim, um item primitivamente lexical gramaticaliza-se pelo uso como uma unidade gramatical em um novo contexto.

Para Alencar (2009), o estudo de gramaticalização numa perspectiva histórica, tem como objetivo o estudo das origens das formas gramaticais bem como as mudanças típicas que as afetam ao longo do tempo. A. Meillet (*apud* Alencar 2009), afirma que havendo gramaticalização em todos os casos, em que se podia conhecer a fonte primeira de uma forma gramatical, essa fonte era uma palavra lexical e que a transição do lexical para o gramatical é sempre uma espécie de *continuum*.

Maria Helena de Moura Neves (1997) diz que antes de Antonie Meillet, Wilhelm Von Humboldt filósofo e humanista alemão, publicou uma obra intitulada *Sobre a gênese das formas gramaticais e a influência dessas formas na evolução das ideias* na qual propunha um estágio de evolução da língua no qual só as ideias concretas podiam ser expressas pelo léxico, propondo que a estrutura gramatical das línguas humanas teria resultado da

gramaticalização de expressões de ideias concretas. Poggio (2002), a partir dessas ideias, mostra que a gramática evoluiu, passando por diferentes estágios:

1º estágio: pragmático (sentido denotativo/ objetos concretos).

2º estágio: sintático (palavras oscilam entre sentido concreto e o formal).

3º estágio: aglutinação (palavras funcionais afixadas às palavras materiais).

4º estágio: morfológico (pares aglutinados fundem-se em uma só palavra/ raiz e afixos contêm significado material e gramatical).

Antonie Meillet demonstrou em seus estudos a transformação das formas gramaticais. De acordo com Poggio (2002, p. 66), para esse autor, as novas formas gramaticais surgem através de dois processos: a analogia e a gramaticalização. Enquanto a analogia renova as formas e deixa o sistema intacto, a gramaticalização cria novas formas e introduz categorias sem expressão linguística anterior, provocando mudança no sistema. A gramaticalização pode afetar cada palavra, estendendo-se à sentença. Segundo a autora (2002, p. 59), “a gramaticalização tem sido um dos temas mais discutidos na investigação funcionalista, vem sendo considerada como um aspecto das mudanças que afetam a gramática e é vista como um processo de criação da gramática através da necessidade discursiva”.

O processo de gramaticalização objetiva mostrar a constante transformação e renovação do sistema linguístico, que é negociado na fala. Ela é percebida sobretudo pelo surgimento de novas funções para formas já existentes e de novas formas para funções já existentes, aspecto que está, em princípio, ligado às estratégias de construção do discurso e também que nos traz à tona a noção de gramática emergente da língua.

Poggio (2002), com base em Castilho (1997b, p.31 e 32), define gramaticalização como o trajeto empreendido por uma forma, ao longo do qual, ela muda de categoria sintática (= recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações semânticas e fonológicas, deixa de ser uma forma livre e até desaparece como consequência de uma cristalização extrema. Em sentido mais amplo, o autor define gramaticalização como o processo de codificação de categorias cognitivas em formas linguísticas, aí incluindo a percepção de mundo pelas diferentes culturas e o processamento da informação.

Para Maria Helena de Moura Neves (op.cit.), o estudo de gramaticalização põe em evidência a tensão entre a expressão lexical, relativamente livre de restrições, e a codificação morfossintática, porém sujeita a restrições, não esquecendo de levar em consideração a indeterminação relativa da língua e o caráter não-discreto de suas categorias. A autora também apresenta que não há um acordo para nomear esse processo: gramaticalização, gramaticização e gramatização.

Poggio (2002) vai um pouquinho mais longe dizendo que há diversas perspectivas sobre a designação desse processo. Afirmar haver uma confusão para nomeá-lo: gramaticização, gramatização, gramaticalização, apagamento semântico, condensação, enfraquecimento semântico, esvaimento semântico, morfologização, reanálise, redução e sintaticização.

Apesar de toda a confusão para nomear esse processo, a maioria dos teóricos parecem concordar em utilizar o termo “gramaticalização” que foi empregado primeiramente pelo Linguista Francês Antoine Meillet em 1912.

Ele (1948, p. 133) destaca que,

“Sem jamais haver perdido de vista outro procedimento da inovação, a passagem das palavras autônomas ao papel de agentes gramaticais tem sido bem menos estudada nos últimos quarenta anos. Começa-se agora a tratar novamente disso. A importância é, de fato, decisiva. Embora a analogia possa renovar detalhes das formas, mas deixa, muitas vezes, intacto o plano de conjunto do sistema existente, a *gramaticalização* de certas palavras cria novas formas, introduz categorias linguísticas e transforma o todo do sistema. Esse tipo de inovações analógicas, do uso do que é fato da língua, é uma consequência imediata e natural”¹

Ainda segundo Poggio (2002), há três grupos de conceitos de gramaticalização, a partir de épocas e perspectivas diferentes. O primeiro grupo trata o léxico e a gramática e a gramaticalização como um processo através do qual uma unidade léxica ou uma estrutura lexical assume uma função gramatical. O item lexical vai de uma classe aberta para uma classe fechada. De acordo com a autora os autores J. Kurylowicz, G. Sankoff e J. Bybee, entendem que a gramaticalização é decorrente de alterações morfológicas. Essa concepção se estendeu até a década de 70.

O segundo grupo trabalha com o discurso e a gramática: a partir de meados de 1970, o discurso pragmático foi considerado como um parâmetro maior para o entendimento da estrutura linguística e para o desenvolvimento de estruturas sintáticas e categorias gramaticais. Essa nova forma de se conceber a relação do usuário com a linguagem

¹ Original em francês: “Sans avoir jamais été perdu de vue, autre procédé d'innovation, le passage de mots autonomes au rôle d'agents grammaticaux, a été beaucoup moins étudié durant les quarante dernières années. On commence maintenant à s'y attacher de nouveau. L'importance en est en effet décisive. Tandis que l'analogie peut renouveler le détail des formes, mais laisse le plus souvent intact le plan d'ensemble du système existant, la *grammaticalisation* de certains mots crée udes (??) formes neuves, introduit des catégories linguistiques, transforme l'ensemble du système. Ce type d'innovations analogiques, de l'usage qui est fait de la langue, il en (est??) une conséquence immédiate et naturelle.”

compreende a gramaticalização como reanálise dos moldes do discurso para os moldes gramaticais.

O terceiro grupo que é o dos cognitivistas desenvolvido por E. Sweetser (1988), Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), S. Svorou (1993), entre outros vê a gramaticalização como um fenômeno externo à estrutura da língua e pertence ao domínio cognitivo. Esses linguistas enfatizam também que a gramaticalização é proveniente de alterações semânticas.

De acordo com Poggio (2002), depois de 1970, deu-se realce ao potencial que os estudos de gramaticalização oferecem para o entendimento sincrônico da gramática. Hopper e Traugott (1993) assinalam que o estudo da gramaticalização é também sincrônico, centrado no uso da linguagem, estando voltado para a investigação dos fenômenos sintáticos e pragmáticos-discursivos. Atualmente, a gramaticalização pode ser encarada como um processo pancrônico que apresenta uma perspectiva diacrônica, porque envolve mudança, e uma perspectiva sincrônica, porque implica variação, podendo ser descrita como um processo sem referência ao tempo.

Já Ataliba T. de Castilho (1997b) define gramaticalização como sendo o trajeto empreendido por uma forma, ao longo do qual, ela muda de categoria sintática (= recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações semânticas e fonológicas, deixa de ser uma forma livre e até desaparece como consequência de uma cristalização extrema. E em sentido mais amplo ele define esse processo como uma codificação de categorias cognitivas em formas linguísticas, aí incluídos a percepção do mundo pelas diferentes culturas e o processamento da informação.

1.2. PRINCÍPIOS DE GRAMATICALIZAÇÃO

Gonçalves (2007) entende princípio como um preceito ou uma lei geral determinante da constituição/identificação de um fenômeno. Nesse sentido, parece que ao processo de gramaticalização só poderia ser atribuído um único e fundamental princípio: o princípio da unidirecionalidade, ou seja, ele ocorre de acordo com a seguinte escala de abstração crescente, sempre da esquerda para a direita, fazendo com que estruturas menos gramaticais se tornem mais gramaticais: pessoa>objeto>processo>espaço>tempo>qualidade, verificável, como

hipótese, por meio da atuação dos vários mecanismos, partes constitutivas do fenômeno da gramaticalização, que podem ser entendidas como suas causas ou motivações.

Poggio (2002) afirma que, entre os autores, não há unanimidade, no que se refere ao estabelecimento dos princípios de gramaticalização, e apresenta aqueles apontados por C. Lehmann, P.J.Hopper e Ataliba T. de Castilho.

C. Lehmann (*apud* Poggio 2002) aponta cinco princípios de gramaticalização:

1 – Princípio da paradigmaticização: há integração de construções sintáticas como formas perifrásticas em paradigmas morfológicos, o que as conduz a paradigmas pequenos e homogêneos.

2 – Princípio da obrigatoriedade: a escolha entre os membros do paradigma submete-se a regras gramaticais.

3 – Princípio da condensação: com a gramaticalização do signo, os constituintes, com os quais ele se pode combinar, tornam-se menos complexos.

4 – Princípio da coalescência: junção de partes; vai da justaposição para uma alternância simbólica.

5 – Princípio da fixação: quando os elementos se gramaticalizam, ocupam uma posição fixa, primeiro na sintaxe e depois na morfologia, como preenchedor de espaços gramaticais.

P. J. Hopper (*apud* Poggio 2002) também aponta cinco princípios de gramaticalização:

1 – Princípio da estratificação: novas camadas emergem num domínio funcional amplo; há gramáticas que convivem, isso é a base e consequência da variação linguística; quando uma forma se gramaticaliza passa a coexistir com outras formas similares; assim, há formas diferentes para codificar o mesmo significado.

2 – Princípio da divergência: trata-se da bifurcação de um item; quando uma forma lexical se gramaticaliza em clítico ou afixo, a original continua autônoma, sofrendo mudança como as demais formas.

3 – Princípio da especialização: quando há gramaticalização, dá-se o estreitamento da variedade de escolhas formais com nuances semânticas diferentes; nesse caso, um menor número de formas assume significados semânticos gerais; há possibilidade de que um item se torne obrigatório.

4 – Princípio da persistência: quando uma forma se gramaticaliza, alguns traços do significado lexical original aderem à nova forma gramatical; portanto, há permanência de vestígios do significado lexical original.

5 – Princípio da descategorização: as formas podem perder ou neutralizar as marcas morfológicas e propriedades sintáticas das categorias plenas N e V e assumir os atributos das categorias secundárias (adjetivo, particípio, preposição etc). Há uma perda de marcadores opcionais e perda de autonomia discursiva, isto é, diminuição do estatuto categorial de itens gramaticalizados.

Para Ataliba T. de Castilho (*apud* Poggio 2002) apenas quatro princípios podem dar conta dos processos e estágios de gramaticalização:

1 – Princípio da paradigmática e analogia: a analogia opera no eixo paradigmático.

2 – Princípio da sintagmatização e reanálise: desenvolvimento de novas estruturas a partir de estruturas antigas.

3 – Princípio da continuidade e gradualismo: a gramatização tende à inovação da estrutura das línguas.

4 – Princípio da unidirecionalidade: a gramaticalização é unidirecional, isto é, irreversível, desenvolvendo-se apenas da esquerda para a direita.

1.3. CARACTERÍSTICAS DA GRAMATICALIZAÇÃO

Alguns autores adotam como parâmetros alguns elementos que caracterizam a gramaticalização, como por exemplo:

A- Manipulação conceitual: a gramaticalização implica alteração do significado da forma fonte;

B- Unidirecionalidade: a direção da mudança se dá das formas lexicais para as gramaticais ou das menos gramaticais para as mais gramaticais e não no sentido contrário;

C- Assimetria forma/significado: as formas fontes, isto é, os itens que deram origem à forma gramaticalizada não desaparecem necessariamente após o surgimento da nova forma. Isso leva a casos de polissemia com uma mesma forma passando a codificar dois ou mais significados.

D- Descategorização: as formas em processo de gramaticalização passam de uma categoria para a outra, deixando de ser modificadas pelos processos morfossintáticos da classe original;

E- Perda de autonomia: as formas acabam por perder sua autonomia morfossintática em consequência da fusão ou dependência de palavras vizinhas, causadas pelo enfraquecimento de tonicidade ou erosão fonética;

F- Erosão: vai-se dando a perda do material fonético, o que torna as formas reduzidas.

G- Recategorização: dá-se, então, a constituição de morfemas específicos, restaurando a simetria forma/significado.

Outro aspecto a considerar na gramaticalização são as suas diferentes fases. Deve-se caracterizar o início, seu desenvolvimento e seu término. Heine e Reh (*apud* Neves 2001) mostram que os três níveis da estrutura linguística afetados pela gramaticalização – o funcional, o morfossintático e o fonético – em geral se organizam na gramaticalização, nessa mesma ordem cronológica: os processos funcionais (como dessemantização, expansão, simplificação) precedem os morfossintáticos (como permutação, composição, cliticização, afixação), que precedem os fonéticos (como adaptação, fusão, perda). Além disso, as alterações em um nível são acompanhadas de alterações em outros, assim autores destacam que quanto mais gramaticalizada uma forma se torna:

A – mais perde a complexidade semântica, significação funcional ou valor expressivo;

B – mais perde em significação pragmática e ganha em significação sintática;

C – mais reduzido torna-se o número de membros que pertencem ao mesmo paradigma morfossintático;

D – mais sua variabilidade sintática decresce, isto é, sua posição dentro da cláusula se torna mais fixa;

E – mais obrigatório torna-se seu uso em certos contextos e mais agramatical em outros;

F – mais funde-se semântica, morfossintática e foneticamente com outras unidades;

G – mais perde em substância fonética.

Hopper (*apud* Neves 2001) afirma que, se levarmos em conta o estudo de mais de uma língua, é possível chegarmos a regularidades emergentes que têm potencial para ser instâncias de gramaticalização:

1 – categorias como aspectos, número, tempo e caso, entre outras, ocorrem frequentemente, nas línguas, na morfologia afixal. Todavia podem ocorrer sob formas livres, como, por exemplo, elementos adverbiais.

2 – certos tipos de itens lexicais evoluem, tipicamente, para clíticos gramaticalizados e para afixos. Alguns exemplos são os casos de verbos de cópula e de verbos de movimento que se tornam, eventualmente, afixos causais.

Vilar (2004), afirma que Hopper e Traugott ao focalizarem a gramaticalização, reconhecem que a reanálise e a analogia é que são responsáveis pelo processo de mudança morfossintática. Entretanto a reanálise é considerada por eles como o mais importante mecanismo na gramaticalização, ficando a analogia num plano secundário.

Ainda segundo Vilar (2004), eles também concebem a reanálise como sendo um processo por meio do qual os falantes mudam sua percepção de como os constituintes de sua língua são ordenados no eixo sintagmático, isto é, novas estruturas são geradas a partir de estruturas antigas e a abdução é a operação mental que permite isso. De acordo com Andersen (1973), apud Hopper e Traugott (1997, 39-40), a abdução provém de um resultado observado, invoca uma lei, e infere então o que poderia ser o caso; assim, dado o caso que Sócrates morreu, podemos correlacionar esse fato com a lei geral de que todos os homens são mortais, e portanto, Sócrates era um homem.

Continua a autora (2004), afirmando que Hopper e Traugott ainda continuam analisando o exemplo de Andersen observando que, nesse tipo de raciocínio, as premissas são sempre verdadeiras, porém a conclusão a que se chega não precisa ser: uma das premissas pode competir para a conclusão errada de acordo com a lei. A afirmação “talvez Sócrates não seja um homem e, sim uma lagartixa”, é uma conclusão errada, porém é compatível com uma das duas premissas: a lagartixa também é mortal assim como o homem.

Por meio da abdução os limites entre determinados constituintes são apagados, estabelecendo-se outros limites, sem alterar a manifestação superficial da unidade com a qual está se operando, desencadeando um processo em que, futuramente surgirá uma nova categoria gramatical.

1.4.MECANISMOS DE GRAMATICALIZAÇÃO

De acordo com Martelotta (1996, 53), não existe um consenso em relação aos mecanismos que veiculam o processo de gramaticalização. Ainda segundo o autor (1996), Heine et alii (1991), por exemplo falam em transferência metafórica e Lehmann (1991), aponta a importância da analogia no processo, sobretudo, como influenciadora do modo como ele vai se alastrando na língua.

Em Traugott e König (1991, *apud* Martellota 1996), lê-se que o tipo de mecanismo que efetua a gramaticalização depende de natureza particular da função envolvida no processo e os autores afirmam que a inferência metafórica ocorre principalmente no surgimento de marcas de tempo, aspecto, caso, enquanto a inferência por pressão de informatividade, que é um mecanismo de natureza metonímica, predomina no surgimento de conectivos.

Já em Hopper e Traugott (*apud* Martellota 1996), vê-se uma tendência de considerar a transferência metonímica, e não a metafórica, e a reanálise, e não a analogia, os mecanismos

que predominam maciçamente na mudança por gramaticalização. E Givón (1995, *apud* Martellota 1996), ao analisar o grau de integração entre cláusulas, cita o processo de reanálise.

Martelotta (1996) não diminui a importância da metáfora no processo, pois considera que a gramaticalização envolve vários níveis:

A – Nível cognitivo: a gramaticalização (pelo menos no que se refere ao nível morfológico) segue, como parece ocorrer com os processos de mudança metafórica em geral, a tendência de usar elementos do mundo concreto para o mundo abstrato. O elemento do léxico é mais concreto que a gramática: é mais fácil conceptualizar substantivos do que relações textuais.

B – Nível Pragmático: a gramaticalização envolve uma intenção genérica do falante de usar algo conhecido pelo ouvinte para fazê-lo compreender melhor o sentido novo que ele quer expressar. Pode-se também ver nessa passagem concreto > abstrato uma intenção comunicativa de facilitar a compreensão do ouvinte a partir da utilização de conceitos mais concretos e mais conhecidos para a expressão de ideias novas que surgem no decorrer do processo comunicativo.

C - Nível Semântico: a gramaticalização, como processo de mudança ocorrida no léxico, envolve o conhecimento por parte dos interlocutores dos significados de origem das palavras envolvidas; caso contrário, o sentido novo corre o risco de não ser detectado pelo ouvinte.

D – Nível Sintático: a gramaticalização ocorre basicamente em contextos que a estimulem, o que significa que não só existem aspectos sintáticos que propiciam a gramaticalização, mas principalmente, que esses aspectos são responsáveis pelo fato de a mudança tomar efetivamente este e não aquele caminho.

Baseados nessas considerações, podemos dizer que a gramaticalização ocorre por mecanismos de natureza metafórica e de natureza metonímica. A metáfora constitui um processo unidirecional de abstratização crescente, pelo qual, conceitos que estão próximos da experiência humana são utilizados para expressar aquilo que é mais abstrato e, conseqüentemente, mais difícil de ser definido. A metonímia diz respeito aos processos de mudança por contiguidade, no sentido de que são gerados no contexto sintático.

O processo metafórico tem sua trajetória no espaço > discurso, e segundo Heine et alii (1991, *apud* Martellota 1996), conceitos espaciais são usados, por processo analógico, para designar pontos do texto já mencionados ou por mencionar. O elemento espacial é, nesses casos, o dado mais concreto, que serve de base para o surgimento de novos usos de valor menos concreto, que funcionam como elementos de organização interna do texto. A metáfora espaço > discurso constitui um dos primeiros passos circunstanciadores espaciais no sentido de se gramaticalizarem em operadores argumentativos.

Hopper e Traugott (1993, *apud* Martellota 1996) afirmam que apenas a reanálise é um fenômeno ligado ao processo cognitivo da metonímia. Ele pode criar novas formas gramaticais, embora não se deva deixar de lado o papel da analogia na gramaticalização.

Seguindo a tradição, o termo metonímia é usado para designar mudanças por contiguidade no mundo extralinguístico. Com essa acepção, a metonímia constitui um processo que, de acordo com Dubois et *alii* (*apud* Martellota 1996), ocorre, quando uma noção é designada por um termo diferente do que é necessário, sendo as duas noções ligadas por uma relação de causa a efeito (como por exemplo, a colheita pode designar o produto da colheita e não apenas a própria ação de colher), por uma relação de matéria a objeto ou de continente a conteúdo (por exemplo, beber um copo), por uma relação da parte ao todo (exemplo, uma vela no horizonte).

Para Martellota (1996,54) a metáfora constitui um processo unidirecional de abstratização crescente, pelo qual conceitos que estão próximos da experiência humana são utilizados para expressar aquilo que é mais abstrato e, conseqüentemente, mais difícil de ser definido. A metonímia diz respeito aos processos de mudança por contiguidade, no sentido de que são gerados no contexto sintático. No que diz respeito aos mecanismos que fazem parte do processo de gramaticalização, o termo metonímia é usado para designar a mudança que sofre uma determinada forma em função do contexto linguístico e pragmático em que está sendo utilizada. A contiguidade a que nos referimos é uma contiguidade posicional ou sintática, no sentido de que a mudança não ocorre apenas com a forma em si, mas com a expressão toda da qual a forma faz parte.

Um dos mecanismos ligados ao processo cognitivo da metonímia é a reanálise. Trata-se de um mecanismo que atua no eixo sintagmático, caracterizando-se por uma reorganização da estrutura do enunciado, e uma reinterpretação dos elementos que o compõem.

A reanálise é um mecanismo de mudança em que o falante reorganiza a estrutura do enunciado, reinterpretando os elementos que o compõem. A reorganização da estrutura do enunciado que caracteriza o fenômeno da reanálise pode implicar uma modificação das fronteiras entre elementos do léxico na língua falada.

Outro mecanismo ligado à metonímia é o que Traugott e König (*apud* Martellota 1996) chamam de inferência por pressão de informatividade – o elemento é pressionado pelo contexto a admitir um sentido novo. Sendo um mecanismo que predomina na gramaticalização de operadores argumentativos, a pressão da informatividade constitui um processo em que, por convencionalização de implicaturas conversacionais, o elemento linguístico passa a assumir um valor novo, que emerge de determinados contextos em que

esse sentido novo pode ser criado a partir do sentido primeiro, independentemente do valor textual das sentenças envolvidas no processo de gramaticalização.

Gonçalves et *alii* (2007, 49) afirmam que, segundo a grande maioria dos pesquisadores, ao processo de gramaticalização subjazem processos metafóricos que envolvem inferências a partir de limites conceptuais. E as transferências conceptuais decorrentes desse processo poderão seguir um percurso de alteração unidirecional com base na hierarquia funcional. Isso pode ser captado pelo comportamento do item/estrutura em face de estágios de gramaticalização.

Para Gonçalves et *alii* (2007) os pontos diferenciadores de atuação da metáfora e da metonímia são:

A - Metáfora: opera no eixo sintagmático, com inter-relação sintática dos constituintes, ou por reanálise (abdução) e envolve implicaturas conversacionais.

B – Metonímia: opera no eixo paradigmático, na inter-relação de domínios conceptuais, opera por analogia e envolve implicaturas convencionais.

Neste capítulo, foi caracterizada a gramaticalização, abordando seus conceitos, o processo de gramaticalização, seu percurso histórico, princípios, características e mecanismo de gramaticalização. No capítulo seguinte, será tratado o advérbio nas perspectivas das gramáticas tradicional e de usos e abordado o conceito de gramática funcional.

II. ADVÉRBIO

Neste capítulo, tratamos do advérbio. Nosso objetivo é abordá-lo do ponto de vista da gramática tradicional e da gramática de usos, que é um tipo de gramática funcional. Sendo assim, abordamos a definição e a circunstância expressa pelo advérbio de acordo com cada uma das gramáticas.

2.1. ADVÉRBIO: UMA CLASSE DE PALAVRAS QUE ABRIGA VALORES SIGNIFICATIVOS DIVERSOS

O significado etimológico da palavra *advérbio* é ao lado do verbo. Nos textos do dia a dia, no uso da língua, constatamos que nem sempre essa regra é seguida à risca, pois verificamos que, nos textos escritos, como, por exemplo, nas crônicas os advérbios exercem diversas funções bem diferentes daquelas que estão prescritas na gramática normativa.

Quando lemos algumas crônicas notamos que o advérbio desempenha diversas funções e ao discutirmos o problema da classificação das palavras, vemos que, sob o nome de advérbio, abrigam-se classes gramaticais diversas e também diversas circunstâncias. Existem adjetivos que caracterizam lugar, tempo, modo e causa; alguns adjetivos são empregados na forma de advérbios e há combinações de palavras que têm valor circunstancial, ou seja, valor adverbial. O advérbio comporta modulações na maneira de circunstanciar ou de intensificar, ou seja, ele apresenta o grau comparativo ou o grau superlativo e suas variações.

Para PERINI (2003, p. 338, 340),

“a categoria tradicional do advérbio, encobre uma série de classes, às vezes de comportamento sintático radicalmente diferente. A definição tradicional diz que o advérbio 'modifica' determinadas classes (entre as quais o próprio advérbio). A noção de modificação é muito obscura. Semanticamente, 'modificação' significa que um advérbio teria seu significado amalgamado ao de um outro elemento, formando um todo semanticamente integrado, por exemplo, *corremos* exprime uma ação, e *corremos depressa* exprime a mesma ação, acrescida de algum ingrediente de significado, ou seja, tanto *corremos* quanto *corremos depressa* seriam unidades no plano semântico.”

Para Perini (2006), as palavras que tradicionalmente se classificam como ‘Advérbios’ pertencem na verdade a diversas classes nitidamente diferentes quanto ao tipo de significado e quanto ao potencial funcional. Quanto à estrutura interna, frequentemente não tem nenhuma, sendo formadas de um único morfema (sempre, nunca, depois, aqui) ou então se formam por

meio de sufixo característico – *mente*. De qualquer forma, é impossível colocar todos os advérbios tradicionais em uma única classe.

2.2. O ADVÉRBIO NA GRAMÁTICA NORMATIVA

M. Said Ali (1965), em sua Gramática Secundária afirma que o advérbio denota uma circunstância de lugar, tempo, modo, grau ou intensidade, negação, dúvida, etc.

Por exemplo:

- Lugar: Ele trabalha **aqui** em São Paulo.
- Tempo: Ele trabalha **hoje**, todos os dias.
- Modo: Ele trabalha **aplicadamente** ou com aplicação.

Serve de determinante ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio. É expresso por uma palavra invariável ou por uma locução de sentido equivalente. Se o advérbio é determinante do verbo, do adjetivo ou de outro advérbio significa que ele causa, provoca alguma mudança para essas classes de palavras que foram citadas pelo autor.

Como esse autor foi um dos primeiros estudiosos da Língua Portuguesa no Brasil juntamente de Mattoso Câmara Jr., ele não foi muito além, o que para sua época foi um grande feito conseguir chegar onde chegou desenvolvendo estudos em Língua Portuguesa.

Para CUNHA & CINTRA (2008, p. 555, 556),

“o advérbio é fundamentalmente, um modificador do verbo. A essa função básica, geral, certos advérbios acrescentam outras que lhe são privativas. Assim os chamados advérbios de intensidade e formas semanticamente correlatas podem reforçar o sentido de um adjetivo, de um advérbio, saliente-se ainda que alguns advérbios aparecem, não raro, modificando toda a oração”.

Esses autores (p. 556) observam que sob a denominação de advérbios reúnem-se, tradicionalmente, numa classe heterogênea e variada, que não tem unidade, palavras de natureza nominal e pronominal com distribuição e funções às vezes muito diversas. Por essa razão, nota-se entre os linguistas modernos uma tendência a reexaminar o conceito de advérbio, limitando-o seja do ponto de vista funcional, seja do ponto de vista semântico e essa análise somente se torna possível utilizando exemplos da língua em uso ou através de gravações de informantes de diversas regiões do Brasil como um nível mínimo de cultura, como por exemplo, faz o projeto NURC, que através do registro de informantes escolarizados, faz a transcrição e depois analisa as transcrições, com o objetivo de encontrar ocorrências na língua falada que não encontramos na gramática.

Por exemplo:

- Andou **rapidamente** até a escola.
- Moro onde **mais** me agrada.

Podemos notar que esses gramáticos começam a olhar o advérbio por outro ângulo, o funcional.

O advérbio segundo, BECHARA (2009, p. 287), “é a expressão modificadora do verbo que, por si só, denota uma circunstância (de lugar, modo, intensidade, condição, etc.), e desempenha na oração a função de adjunto adverbial.” Para esse autor o advérbio é também um intensificador e expressa circunstâncias que podem ser de dúvida, causa, companhia, assunto, concessão, condição, conformidade, dúvida, fim, instrumento, intensidade, lugar, modo, referência, tempo e negação.

Por exemplo:

- A- intensidade: - Comeu **mais** rápido.
- B- conformidade: - Fez o trabalho **conforme** a orientação da professora.
- C- Companhia: - Trabalha **com** o Daniel.

Em síntese, o gramático (2009, p. 290) destaca que “constituindo o advérbio uma classe de palavra muito heterogênea, torna-se difícil atribuir-lhe uma classificação uniforme e coerente, ou seja, o advérbio é uma classe de palavra que goza de flexibilidade de posição”. Ele vai mais longe do que os outros dois gramáticos citados, pois afirma que o advérbio é uma palavra que goza de flexibilidade de posição na frase, ou seja, para as outras classes de palavras existe uma ordem canônica na frase e o mesmo não podemos dizer que acontece com o advérbio, ele pode aparecer no começo, no meio ou no fim da sentença e continua com o mesmo nome advérbio.

Podemos notar que a visão que os gramáticos têm do advérbio muda ao longo dos anos. M. Said Ali tinha uma visão mais conservadora dos advérbios, ele não considerava o caráter espontâneo da língua. Já Cunha & Cintra começam a olhar o advérbio por outro ângulo, o sociolinguístico. Por fim Bechara que foi aluno e amigo de M. Said Ali, teve contato direto com esse gramático, e também com Eugênio Coseriu, linguista funcional, que foi seu professor, a quem teoricamente segue, aplicando suas ideias em seus trabalhos, o que o leva a encarar a língua como um órgão vivo, com várias línguas funcionais, que nada mais é do que a adequação que o falante faz na sua fala de acordo com o ambiente em que está presente. Isso remete à noção de um poliglota na própria língua.

De acordo com o que foi exposto, verifica-se que a gramática normativa não considera que a língua é viva e está em constante processo de transformação. Para ela o advérbio é um

modificador do verbo, substantivo, do próprio advérbio e nada mais, ele não sofre nenhuma alteração no uso diário da língua.

2.3. O ADVÉRBIO NA GRAMÁTICA FUNCIONAL

A gramática funcional é uma teoria de organização gramatical que tem como objetivo integrar a gramática das línguas com a interação social, ou seja, ela tenta unir as questões gramaticais às questões da fala, levando em consideração a competência comunicativa, que é a capacidade que o falante tem de codificar e decodificar expressões, ou seja, usar e interpretar essas expressões de maneira satisfatória, o uso apropriado da linguagem. Ela tenta relacionar o uso da língua à estrutura da língua.

Neves (1997) afirma que a gramática funcional leva sempre em consideração o uso das expressões linguísticas na interação verbal, ou seja, sempre se considera a aplicação prática, o que não ocorre com as gramáticas normativas que fazem uso de exemplos tirados de textos de autores consagrados e que escrevem de acordo com as regras de bom uso da língua. Visão semelhante à de Moura Neves é a que se encontra, desde o começo do século, na Escola Linguística de Praga, que foi uma das primeiras correntes linguísticas a pensar em uma gramática funcional, baseada na noção da língua como instrumento de comunicação humana.

A Escola Linguística de Praga foi um grupo de estudiosos que decidiram se reunir para estudar a linguagem. Para eles, ela permitia ao homem reação e referência à realidade extralinguística, ou seja, quando as pessoas se comunicam, além da interação face a face, existe também uma relação com o contexto em que a pessoa está inserida.

Como disse Travaglia (2008, 23),

“a linguagem é pois um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sociohistórico e ideológico. Os usuários da língua ou interlocutores interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais e 'falam' e 'ouvem' desses lugares de acordo com as formações imaginárias (imagens) que a sociedade estabeleceu para tais lugares sociais”.

A gramática funcional define a língua como sendo um instrumento de interação social, cuja principal função é a comunicação. Dessa forma, a competência comunicativa é a habilidade que cada falante tem de interagir socialmente com a língua. O estudo do sistema deve fazer-se na língua em uso no dia a dia, que se dá através das expressões que fornecem dados para a descrição do funcionamento da língua num dado contexto.

O advérbio na gramática funcional é explicado por meio de suas ocorrências na língua em uso comum no dia a dia, e não como acontece na gramática normativa, que define e explica o advérbio sem fazer uso de suas ocorrências.

Travaglia (2008, 17-18), propõe que o ensino de língua materna seja pautado com o objetivo de desenvolver a competência comunicativa dos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), que nada mais é do que a capacidade que cada falante tem de empregar adequadamente a língua em diversas situações de comunicação. E a competência comunicativa comporta outras duas competências: a competência gramatical ou linguística e a competência textual:

A - Competência gramatical ou linguística é capacidade que todo falante tem de criar sequências linguísticas gramaticais, que seguem as regras previstas na língua funcional que esse falante domina.

B - Competência textual é a capacidade que todo falante tem de criar e compreender textos considerados bem formulados em situações de interação comunicativa, fazendo uso de outras capacidades textuais:

- Capacidade formativa que é a capacidade que o falante tem de produzir e compreender os textos, avaliando se um texto é bom ou ruim, ou seja, se está bem construído e se é compreensível ou não.

- Capacidade transformativa que é a capacidade que o falante tem de modificar o texto, escrevê-lo de diversas maneiras, com diferentes objetivos, muitas das vezes dizemos que o autor brinca com o texto, pois ele tem uma capacidade impressionante de montar e desmontar um texto.

- Capacidade qualificativa que é a capacidade que o falante tem de dizer a que tipo de texto pertence um texto, ou seja, dizer se é uma crônica, uma carta ou um poema.

Baseados no exposto, podemos considerar que o funcionalismo preocupa-se com a capacidade de o usuário empregar de modo satisfatório a língua em diversas situações de comunicação, ou seja, de maneira interacional satisfatória. Isso se deve ao fato de o discurso estar diretamente ligado à situação de comunicação, a fala. O usuário sofre diversas influências de uma série de fatores (como por exemplo, contexto físico, número de participantes, etc.) no momento em que usa a língua, em situações reais de comunicação.

Para Hymes (1974, *apud* NEVES 1997, 44), a competência comunicativa é definida como a habilidade que o falante tem de exercer interação social por meio da linguagem, considerando que não somente a capacidade que o falante tem de construir e interpretar construções linguísticas como também a habilidade que ele tem de usar uma ou outra expressão mais apropriada para aquele momento de interação social.

Podemos dizer que a competência comunicativa aborda vários tipos de capacidades, não apenas a habilidade de construir e interpretar expressões linguísticas, mas também a habilidade de usar essas expressões de modo apropriado e efetivo, de acordo com as convenções da interação verbal que prevalecem numa comunidade linguística.

A gramática funcional é um tipo de gramática que pode ser aplicável a todos os tipos de língua. Na prática, isso significa fazer uma tentativa de mostrar como atingir o equilíbrio entre o que é geral e o que é particular da língua, ou seja, na língua as descrições não devem ser tão específicas que não possam ser transferidas para outras, nem podem ser tão gerais a ponto de deixar que as peculiaridades das línguas individuais sejam obscurecidas.

De acordo com Neves (1997), Halliday mostrou que existe diferença entre as gramáticas formais e as gramáticas funcionais:

- As gramáticas formais interpretam a língua como uma lista de estruturas entre as quais podem ser estabelecidas relações regulares, são organizadas em torno da frase e focalizam o estudo na sintaxe.
- As gramáticas funcionais interpretam a língua como um conjunto de relações, sua estrutura como sendo uma interpretação dessas relações que tendem a mostrar as variações existentes entre as línguas.

Nos Estados Unidos, a partir da década de 70, o termo funcionalismo passa a ser defendido por Paul Hopper, Sandra Thompson e Talmy Givón, como uma teoria linguística baseada no uso, cujo principal objetivo é observar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística. De acordo com essa concepção, a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em consequência das necessidades do discurso e intenção do falante, ou seja, o falante durante o momento de interação verbal determina as estratégias de organização do discurso, das informações a serem apresentadas aos ouvintes. Por isso, para se compreender o fenômeno da sintaxe, seria preciso estudar a língua em uso diário, pois é nesse momento que a gramática é constituída.

De acordo com os funcionalistas, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, isto é, a estrutura é motivada pela situação comunicativa. Esses estudiosos entendem que o falante organiza seu discurso de acordo com a avaliação que elabora da informação pragmática de seu interlocutor no momento da comunicação. O objetivo do falante é, em geral, fazer com que o ouvinte mude seu ponto de vista em relação a informação que está sendo transmitida pelo falante, nada mais é do que convencê-lo de alguma coisa, fazendo uso de meios criativos para alcançar seu objetivo, rompendo estruturas e criando novas estruturas, para conseguir mudar o conhecimento do ouvinte.

Para os funcionalistas, falar de gramática é falar de funcionamento e de funções; é olhar a gramática além da expressão linguística, levando em consideração tudo o que existe também ao redor do falante que no caso é o contexto em que ele está inserido e também não podemos deixar de lado o aspecto cognitivo que está relacionado com a mente do falante, suas intenções. O tratamento funcionalista considera a gramática como um sistema adaptável, ou seja, de um lado, há um sistema parcialmente autônomo, livre no qual existem categorias em um determinado momento materializadas, entretanto disponíveis para uma reutilização de acordo com a intenção do falante; por outro lado, existem as pressões do sistema e de ordem comunicativa, em contínua competição, provocando mudanças linguísticas nesse sistema. Esse tipo de mudança linguística recebeu o nome de gramaticalização.

Poggio (2002) afirma que, na investigação funcionalista, os estudos da mudança linguística têm sido, recentemente, revigorados pelos estudos da gramaticalização, sendo essa considerada como um aspecto das mudanças que afetam a gramática.

De acordo com o que foi exposto, a gramatical funcional procura explicar as ocorrências na língua em uso. Ela preocupa-se com a capacidade de o usuário empregar satisfatoriamente a língua em diversas situações de comunicação, que é o que chamamos de competência comunicativa. Baseado na afirmação de que a gramática funcional procura explicar as ocorrências na língua em uso, constatamos que ela está não só relacionada com a gramática normativa, mas também relacionada com a gramática de usos que é um tipo de gramática funcional, pois se preocupa em mostrar como está sendo usada a Língua Portuguesa atualmente no Brasil, o seu funcionamento.

2.3.1.O ADVÉRBIO NA GRAMÁTICA DE USOS

De acordo com NEVES (1999, p. 13-14),

“a gramática de usos do português é uma obra que mostra como está sendo usada a Língua Portuguesa atualmente no Brasil, tendo em vista que a língua é viva e funciona em vários tipos de possibilidades de composição para os usuários obterem o sentido desejado em cada situação de interação comunicativa. Ela tem como objetivo prover uma descrição do uso efetivo da língua, compondo uma gramática referencial do português”.

Conforme a citação da autora, não é intenção da gramática de usos dar definições, mas sim mostrar como está sendo usada a língua no momento atual, mostrando as várias possibilidades que existem na língua em uso de acordo com a intenção do falante durante a interação

comunicativa. Sendo assim, a gramática de usos nos aponta os diversos pontos de partida para a conceituação do advérbio:

Do ponto de vista morfológico, o advérbio é uma palavra invariável, ou seja, não varia e não se flexiona, entretanto, encontram-se advérbios flexionados em gênero e número:

Por exemplo: A- É que ela está **meia** preguiçosa, já não tem vontade de trabalhar.

B- Será que você tem alguma calça **meia** velha para me dar?

Notamos que alguns advérbios na língua em uso desempenham o papel de sufixo diminutivo, mas não indicam redução de tamanho e, sim, um outro valor semântico, e geral, intensificado:

Por exemplo: A- Ela acabou de tomar banho **agorinha** mesmo. (neste exato momento)

B- As contas chegavam **depressinha**. (bem depressa)

Do ponto de vista sintático, o advérbio é uma palavra periférica, ou seja, funciona como satélite de um núcleo, afetando de certa forma um núcleo da sentença que no caso pode ser um verbo, um adjetivo, um substantivo.

Por exemplo: A- Não trabalhe **tanto** homem.

B- Afastamento por acidente de trabalho **agora** não vai nada bem.

Quanto à função, os advérbios formam uma classe heterogênea, variada, sem uniformidade, variando de acordo com a intenção do falante, com efeito de sentido que ele deseja obter. Existem os advérbios modificadores e os não - modificadores.

Os advérbios modificadores são os que afetam o significado do elemento sobre o qual incidem, modificando-os. Eles se subdividem em:

- advérbios de modo ou qualificadores: qualificam uma ação, um processo ou um estado expressos num verbo ou num adjetivo.

Exemplo: Tenho uma família que come muito **depressa**.

- advérbio de intensidade ou intensificadores: intensificam o conteúdo de um adjetivo, um verbo ou um advérbio.

Exemplo: Minha mulher é meio nervosa, briga **muito**.

- advérbios modalizadores: modalizam o conteúdo de uma asserção e se dividem em:

A- epistêmicos ou asseverativos: indicam uma crença, uma opinião, uma expectativa sobre uma asserção.

Exemplo: Se falharmos desta vez, será **provavelmente** também a falência de nossa empresa.

B- delimitadores ou circunscritores: delimitam o ponto de vista sob o qual uma asserção pode ser considerada verdadeira.

Exemplo: A monografia já está **quase** pronta.

C- deônticos: apresentam como obrigação uma necessidade.

Exemplo: Não que pense em parar de trabalhar para estudar, **necessariamente**, preciso do emprego.

D - afetivos ou atitudinais: indicam um estado de espírito do falante em relação ao conteúdo da asserção.

Exemplo: **Felizmente** Ricardo conseguiu emprego.

Os advérbios não-modificadores são os que não afetam o significado do elemento sobre o qual incidem. Se levarmos em consideração a definição de advérbio de acordo com a gramática normativa, todo advérbio é um modificador, ou seja, não existe advérbio que não seja um modificador. Essa concepção de advérbio não-modificador só encontramos na gramática de usos que tem como objeto de estudos a língua em uso para chegar às definições propostas. Eles se subdividem em:

A - advérbios que operam sobre o valor de verdade da oração: advérbios de afirmação e de negação.

Por exemplo: Maria foi **sim** para a aula de sábado.

Sem a orientação da professora, você **não** faria sua monografia.

B – advérbios que não operam sobre o valor de verdade da oração:

- advérbios circunstanciais (de lugar e de tempo):

Por exemplo: Queria saber **onde** os grupos de pesquisa faziam suas reuniões.

- advérbios de inclusão:

Por exemplo: O aluno **também** aprende muito quando assiste as defesas de mestrado e doutorado.

- advérbios de exclusão:

Por exemplo: **Só** se faz um bom trabalho se seguir todas as orientações do professor(a) orientador(a) e cumprir seu prazo.

- advérbios de verificação:

Por exemplo: O aluno sabe que não é **bem** assim como ele quer que seja.

Existem também os advérbios que operam conjunção de orações:

C - advérbios juntivos, de valor anafórico, que ocorrem numa oração ou num sintagma, referindo-se a alguma porção da oração ou do sintagma anterior.

Por exemplo: Alguns professores, **entretanto**, não se preocupam em fazer pesquisas.

Os advérbios, de modo de acordo com a gramática de usos, constituem a subclasse mais característica dos advérbios, já que eles são qualificadores de uma ação, um processo ou um estado, isto é, modificam propriedades do verbo e adjetivos.

Em princípio, eles constituem uma categoria não-fórica. Formam uma classe aberta na língua, uma vez que, em tese, os adjetivos qualificadores em geral podem converter-se em advérbios de modo pelo acréscimo do sufixo *mente* à forma feminina.

Por exemplo: A- Você irá escrever o artigo, **didaticamente**, para que fique fácil para todos que for ler.

B- O primeiro texto **realmente** não ia bem, estava péssimo.

O *fórico* compreende todos os elementos que propiciam a busca ou a recuperação de informações, por remissão a outros pontos do enunciado e do texto, ou à situação de enunciação, são elementos que fazem com que busquemos informações em outros pontos da sentença, como, por exemplo, as palavras lá, agora, logo.

O grupo de advérbios circunstanciais é dominado pelas relações que se dão dentro do enunciado e pelas relações que se dão entre enunciado e enunciação. Existem entre os advérbios de lugar e tempo, dois tipos de elementos:

A - Advérbios em si mesmo fóricos, que remetem a algum outro elemento dentro ou fora do enunciado.

Por exemplo: Quando chegam **aqui** os alunos, procuram logo se enturmarem.

B – Advérbios não-fóricos:

Por exemplo: Por **fora** ele parece que não tem corrupção, mas por **dentro** é corrupto, sujo pelos seus próprios líderes de partido.

O que muda é a natureza desse termo de referência que, no caso dos advérbios de circunstância, é sempre fórico.

Os advérbios modalizadores compõem uma classe ampla de elementos adverbiais que têm como característica básica expressar alguma intervenção do falante na definição da validade e do valor de seu enunciado: modalizar quanto ao valor de verdade, modalizar quanto ao dever, restringir o domínio, definir a atitude e, até, avaliar a própria formulação linguística. Geralmente, quando o falante faz uso desses tipos de advérbios, ele procura dar ênfase ao que está sendo dito e para se conseguir esse efeito de sentido é preciso fazer uso desses advérbios, por exemplo: **com certeza, de jeito nenhum**. Como veremos nos exemplos abaixo.

Os advérbios modalizadores epistêmicos - que expressam uma avaliação que passa pelo conhecimento do falante – subdividem-se em:

A – Modalizador asseverativo afirmativo: o conteúdo do que se afirma ou do que se nega é apresentado pelo falante como um fato, como fora de dúvida.

Por exemplo: **Com certeza**, Daniel não ficaria sem frequentar a aula de Língua Portuguesa.

B – Modalizador asseverativo negativo: o conteúdo do que diz é apresentado pelo falante como indubitavelmente não-factual.

Por exemplo: Não deixaria de ir à aula, **de jeito nenhum**.

C – Modalizador asseverativo relativo: o conteúdo do que diz é apresentado como uma eventualidade, como algo que o falante crê ser possível, ou impossível, provável, ou improvável. Ele não se compromete com a verdade do que é dito, e, com isso, revela baixo grau de adesão ao enunciado, criando um efeito de atenuação.

Por exemplo: **Possivelmente**, havia uma falta de experiência durante a produção do trabalho.

Pela sua natureza os advérbios asseverativos com facilidade são entendidos como modificadores de oração, pelo fato deles serem construídos por meio da conjunção *que*.

Por exemplo: **Evidentemente**, que prefiro ser orientado por uma professora exigente, pois tenho certeza de que aprenderei muito.

Seu emprego não garante que o conteúdo do que diz seja, realmente, verdadeiro ou não-verdadeiro, ou possível. O que, com certeza, esses advérbios indicam é que o falante quer marcar sua fala, seu discurso como verdadeiro, como digno de crédito, quanto a tais variáveis. Por isso mesmo, há muito da pessoa que fala no modo de emprego desses elementos, havendo pessoas que, antecipando-se a uma possível desconfiança por parte de seu interlocutor, modalizam continuamente o seu discurso com elementos asseverativos. Ainda, há tipos de discursos muito frouxos, nos quais há falta de consistência, e, a partir daí, a baixa credibilidade e desconfiança em relação ao que é dito se compensa com uma manifestação repetida de certeza ou de crença.

De acordo com Neves (2000), na conversação, os advérbios asseverativos podem empregar-se de maneira absoluta, valendo por um enunciado, aparecendo no início, no meio ou no fim da sentença. No início das respostas, esses elementos funcionam predicando toda a fala anterior do interlocutor sem que seja necessário repeti-la, embora a repetição possa acontecer. Exatamente porque se trata de uma função atributiva, os advérbios que assim se empregam são os que têm uma base adjetiva.

Por exemplo: Não sei... **talvez** eu compre um celular, **talvez** compre um carro.

Há os advérbios modalizadores delimitadores que não garantem nem negam propriamente o valor de verdade do que se diz, mas fixam condições de verdade, isto é, delimitam o âmbito das afirmações e das negações, são modalizações que são feitas utilizando para isso os advérbios. O que ocorre nessa modalização é que o falante descreve os limites dentro dos quais o discurso, a fala, ou um constituinte do enunciado, deve ser interpretado, e dentro dos quais, portanto, pode-se procurar a factualidade, ou não, do que é dito.

Por exemplo: **Basicamente**, as pirâmides funcionavam como templos, centros administrativos e depósitos de tecidos.

Os advérbios modalizadores deônticos: o enunciado é apresentado pelo falante como algo que deve ocorrer, necessariamente, dada uma obrigação que alguém tem, ou seja, é algo que vai acontecer baseado necessariamente na obrigação que alguém tem, não é baseado na obrigação que alguém não tem.

Por exemplo: A mãe, **obrigatoriamente**, amamentará seu filho até os cinco anos de idade.

Os advérbios modalizadores afetivos: o falante exprime reações emotivas, isto é, manifesta disposição de espírito em relação ao que é afirmado ou negado, são as manifestações do falante que envolvem emoções ou sentimentos do falante, como felicidade, curiosidade, surpresa, espanto, mas pode, também, ser intersubjetiva, interpessoal, isto é, envolver um sentimento que se defina pelas relações entre falante e ouvinte, com por exemplo, sinceridade, franqueza.

Por exemplo: A- Nós aqui no Brasil, **felizmente**, não temos terremotos como tem no Japão.

B – O problema, **lamentavelmente**, é a falta de tempo que tem para estudar e desenvolver pesquisas.

C – **Honestamente**, tenho muito medo e vários calafrios.

A gramática normativa está dividida em classes gramaticais e tem como princípio básico a prescrição da língua em sua forma culta, como se deve falar ou escrever segundo o uso de escritores portugueses e brasileiros, gramáticos e dicionaristas, sem levar em consideração os fatos da linguagem coloquial, da linguagem do dia a dia, a língua em uso. A gramática de usos tem como princípio básico mostrar como está sendo usada a língua portuguesa atualmente no Brasil. Ela apresenta as mesmas classes gramaticais que aparecem na gramática normativa, mas com exemplos tirados de situações do dia a dia, mostrando as possibilidades de combinações que os usuários fazem para obter o sentido desejado em cada momento da fala.

Baseado no que foi exposto neste trabalho, entendo que o advérbio é uma classe de palavra que é muito difícil de ser classificada devido ao seu grau de complexidade, pois apresenta uma variedade funcional muito grande. É uma palavra invariável, modificadora do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio, expressa diversas circunstâncias e exerce diferentes funções de acordo com a posição que aparece na frase.

Sabemos que há vários tipos de gramáticas como a gramática normativa, a gramática de usos, a gramática funcional, a gramática histórica, enfim temos uma grande variedade de gramáticas para basearmos nossos estudos. Precisamos apenas escolher aquela que seja compatível com a natureza de nossa pesquisa. Diante do que foi exposto, tomo por base para meus estudos a gramática de usos da Maria Helena de Moura Neves que dá conta da gramaticalização, pois trabalha com as modificações da língua em uso, ou seja, ela se preocupa com o ponto de vista funcional e não apenas exemplos extraídos de clássicos da literatura universal que seguem as regras de bom uso da escrita. Ela faz um estudo da função do advérbio de acordo com a sua distribuição na frase, pois o advérbio é uma palavra que goza de flexibilidade de posição na frase.

No capítulo seguinte faremos a análise do *corpus* aplicando os conceitos teóricos expostos.

III. ANÁLISE DO *CORPUS*

Neste capítulo, pretendemos analisar sete crônicas de Arnaldo Jabor escritas no período de 13 de julho de 2010 até 12 de outubro de 2010 e cinco crônicas de Ferreira Gullar escritas no período de 25 de julho de 2010 até 27 de fevereiro de 2011. Nosso objetivo é verificar como se dão os processos de mudança e criação linguística presentes no uso dos advérbios, tomando como referencial teórico o exposto no capítulo I.

Tendo em vista o propósito de trabalhar com a diversidade de usos dos advérbios, a escolha das crônicas escritas pelos escritores Arnaldo Jabor e Ferreira Gullar, como *corpus* para análise, deve-se ao fato de que elas são gêneros textuais que se aproximam muito da língua falada, configurando-se como campo adequado para a análise em questão.

Ao analisar os textos que fazem parte do *corpus*, o que se pretende é verificar o processo de gramaticalização dos advérbios nesse gênero jornalístico. Para isso, optou-se por adotar os parâmetros que caracterizam a gramaticalização apontados por Moura Neves, Gonçalves, Martelotta e Poggio – manipulação conceitual, unidirecionalidade, assimetria forma/significado, descategorização, perda de autonomia, erosão e recategorização.

3.1 ANÁLISE

Antes de iniciar a análise das crônicas, apresentarei uma crônica de cada autor somente para que o leitor tenha um primeiro contato com o *corpus* que será analisado, o restante das crônicas encontra-se na parte final do trabalho, nos anexos.

MUITO ALÉM DA BARBÁRIE

Arnaldo Jabor, 13 de julho de 2010. O Estado de São Paulo.

O carro corre, vejo a paisagem passar, os morros lá longe, as vaquinhas, meu primo me prometeu 3 mil contos, tenho de segurar ela por trás e bater...pô...com esta música no rádio, tchan, tchan e esta criança chorando, eu estou com medo também, mas Bruno disse que “di-me-nor” não tem bronca, tudo numa boa...é só um tempinho na febem.

Lá vai: toma porrada na cabeça, sua vaca...”Você perdeu, Eliza...”

Segura ela, garoto babaca, e você para de chorar, bagaceira, e faz teu filho parar também, senão eu largo esse menino na estrada ou não me chamo Macarrão...A gente tentando te ajudar e você criando caso...o Bruno é sangue bom...quando eu vejo o riso dele com os

dentes brancos, eu me derreto...ele voando, voando até a bola, santo Deus, a bola obedece o homem, por isso fiz a tatuagem com uma declaração de amizade eterna nas costas, cala a boca, menino filho da égua, eu vou botar um esparadrapo na boca dele...Você também priminho mané, para de tremer...Você veio não veio? O Bruno não disse que vai te dar uma grana, hein, seu merdinha...Agora amarelou?

Porra, 14 horas de estrada por causa duma desgraçada que cuspiu o remédio do aborto que eu dei...vou encher ela de porrada quando chegar no sítio, ela não me obedece, não quero filho nenhum nem vou dar merda nenhuma pra ela, a Dayane já me arranhou todo por causa dela, estou de saco cheio, mulher é fogo, só problema...Será que elas não me respeitam? Eu sou o goleiro da próxima Copa, porra, e essas escrotas não me ouvem, por isso eu esculachei aquelas vagabundas da Vila Mimosa, deixei caídas no chão e nêgo não falou nada...Elas respeitam o ídolo aqui...elas não porra...

Quero pegar minha grana e fugir pela janela do carro, os urubus estão rondando a carniça dum boi lá longe no pasto, tenho de segurar a barra, minha mão treme com esse “tresoitão” sem bala, o sangue da Eliza está pingando no banco...

Olha aqui Eliza para de soluçar que eu, Macarrão, garanto...Bruno até falou num apartamento pra você, agora fica quieta, e tapa a boca desse menino, já estamos chegando neste sítio que está uma esculhambação – se eu não cuida de tudo fica esta bosta, vou despedir esse caseiro de merda, sou eu que estou chegando ô babaca, abre a porteira aí...é...sou eu, o Macarrão...é...pronto, agora seu merdinha, para de tremer e leva a Eliza para dentro do quarto...É pro teu bem, menina, entra logo, o bebê não, leva ele pro outro quarto...Não tem leite...o leite dessa baranga já secou...Entra logo, mulher, ali tem uma moringa e um cobertor, fica quieta que o Bruno vem te ver...

Será que o veado do Macarrão já chegou? Ahh, tá lá meu Land Rover, porra,...o Flamengo todo gritando Bruno, Bruno e esta aporrinhção...mulher é fogo...me cortou a onda do churrasco na Rocinha hoje à noite, merda, tudo bem, vou resolver, se não a Dayanne me mata, vou resolver, porra, tenho de me preparar para a copa de 14 – quem, se não eu? O babaca do Julio César de novo? Ah...já era...Quem defendeu aqueles pênaltis feito o Batman contra o Botafogo?

E aí, Macarrão, beleza? Tá legal ...Já vi, mermão: “Nem a força do tempo vai destruir esse amor verdadeiro” – já vi a tatuagem, bonita...agora põe a camisa Macarra... A porra da Eliza ta chorando alto vai lá e dá um susto nela , mas não diz que estou aqui, vai...

Pára de gritar, ô vagaba...toma, toma, cala a boca...Cada vez que eu dou um tapa nela lembro do filme dela de quatro com aqueles dois bofes comendo ela, me dá um tesão danada

bater nela...Agora tu vai telefonar pra tua amiga e dizer que tá tudo bem...vai...voz normal, hein..

“Vanessa, tá tudo bem...vim a Minas, é...o Bruno disse que vai me dar um apê mobiliado...”

Agora, engole o choro, senão leva mais porrada...Agora vamos passear...vamos na casa do neném...ahah...o Neném Grande. Entra no carro, porra...E você, priminho babaca, leva o garoto no colo...o Neném está esperando ah ah...

Esses cachorros parecem que advinham...não comem há dois dias...eles me olham de baixo...isso, range os dentes, Duque, rosna meu filhinho, adoro o cheiro da baba deles, onze, feito um time...Ah...tá chegando a mona...No filme de sacanagem ela é mais gostosa...Pára de chorar, meu bem...eu sou o Neném, gente boa...Não aguenta mais apanhar, meu bem? Ah...põe o “rap” ai, Macarrão, bem alto...

“Paparapapaparapa Kla Ki bum

Tem um de AR15 e outro de 12 na mão. Tem mais um de pistola e outro com dois oitão”

Bota mais alto, agora...pode gritar, que ninguém ouve...

“Um vai de Uru na frente, escoltando o camburão

Tem dois na retaguarda, mas tão de crock na mão!!”

Mais alto, porra!

Que cheiro bom – bosta, baba de cachorro, dente, ruídos, lama, quem sou eu? Eu sou o Neném...Ôh, Macarrão, é pra dar fim ao bebê também? Não? Então sai fora com ele...Minha filha, deixa eu ver esse corpinho, tira a roupa...isso...tira, porra, ou quer que eu rasgue? Tu é mais gostosa no filme...Eu sou o Papai Noel do saco grande...tá vendo esse saco aqui?...vai ficar cheio de presentes...tira o resto da roupa, tira a calcinha...deixa eu ver tua carne, tu tá gordinha, agora vamos lá, se vira...Vou te comer não...Pra que este facão?...Ah...é pro churrasco...Agora mais alto o rap...aí!!! Bem alto!! Arrasou!!!

“pa-pa-ra-pa-pa ki bum!!”

E aí, Brunão! Chegou bem na hora! Tou te levando este saco aqui...pros meninos...afasta Sheila, calma Leão...! Os focinhos estão pingando, baba...baba...Estavam esperando, hein, ‘brotherszinhos’?...Toma lá...lá vai a mãozinha dela, com unha pintada..!!

E aí...Nenem, mandou bem, hein?

Claro, Brunão...cada dentada é de 150 quilos...

Calma, Buzunga, come devagar...tem pra todos...

Pronto, chefe...Tudo resolvido...relaxa que a putada que vem pro churrasco não desconfia de nada...só gente fina...as vagabas são limpas também,..é tudo de belô...Vai ser um churrasço...tem picanha, chuleta...

Aí, chefe, dá uma cerveja pra seu priminho aí que não para de tremer...
E aí, Brunão, tá contente?
Tu mandou bem, hein, Neném!
A gente faz o que o chefe manda...Solta o funk!
Tudo resolvido...me dá a cerveja...Em 2014, eu vou arrasar, Macarrão.

MORTE COM DATA CERTA

Ferreira Gullar, 28 de novembro de 2010, Folha de São Paulo.

Ele a viu, pela primeira vez, numa fotografia. No mezanino da escola, na parede oposta à dos janelões, havia uma série de fotos que documentavam alguns momentos memoráveis daquele estabelecimento formador de quadros políticos que teoricamente iriam mudar a face do mundo.

Não obstante, ali se realizavam reuniões festivas de que participavam diretores, professores, alunos e tradutores. Lina era uma tradutora e, sem sombra de dúvidas, a mais linda de todas.

Ela ocupava, em primeiro plano, o canto esquerdo da foto, os cabelos presos na nuca e um sorriso que lhe iluminava o rosto redondo de menina. Calçava botas de cano alto e uma saia justa lhe deixava à mostra os joelhos.

Era como uma fada jovem, numa aparição de encanto, naquele universo político-ideológico. Suspirou, certo de que aquela mulher estava fora de seu alcance, fora do alcance mesmo dos seus olhos. Seria, talvez, uma visitante, que ali aparecera como convidada em alguma das festas.

Viu a tal foto na primeira semana de sua chegada ao instituto, quando os cursos mal se iniciavam e as turmas ainda estavam incompletas. Poucos dias depois, as aulas começavam e foi aí que a viu em pessoa, lanchando na “stalovaia” da escola. Ela estava numa mesa próxima, tomando café e conversando com um grupo que falava espanhol.

Em determinado momento, seus olhos cruzaram, mas ela logo se voltou para alguém, disse-lhe alguma coisa ao ouvido e riu discretamente. De noite, na cama, antes de dormir, lembrava-se dela, daquele sorriso, daqueles cabelos ruivos presos na nuca.

Soube depois que era tradutora encarregada dos coletivos de alunos de língua espanhola, todos latino-americanos. Como brasileiros se enturmavam com estes, também se davam com ela e foi assim que, certa tarde, na mesma lanchonete, ela sentou-se na mesa em que ele estava com um casal carioca.

Foram apresentados e ela não pareceu dar maior importância ao fato, embora ele tivesse a impressão de que seu olhar de algum modo a perturbava.

Por sorte, algumas semanas depois, houve uma festa promovida pelo coletivo argentino, com tangos e tudo o mais, e nessa noite ele a tirou para dançar. Disse-lhe ao ouvido que a achava linda (“ótin craciva”) e ale empalideceu. Quando a festa acabou, ela, nervosa, sussurrou-lhe que a esperasse na estação do metrô. Pouco depois, tomavam o trem, desciam na estação perto da casa dela e, já de mãos dadas, penetravam num parque escuro e deserto àquela hora da noite.

Puxou-o pela mão, sentaram-se num banco e ela, sorrindo, soltou os cabelos ruivos que lhe caíram encantadoramente sobre o rosto. Tentou beijá-la, mas ela se esquivou, ergueu-se do banco e o levou pela mão até à porta do edifício onde morava. Ali, beijou-o na testa e, com um adeusinho, sumiu no portão. Ele, de volta a seu quarto no que acabara de viver.

Ela era casada, vivia com o marido mas já não eram marido e mulher; é que, no socialismo, se o casal ganhara um apartamento, não tinha direito a outro, pouco importando se o casamento acabara ou não. Na primeira noite em que ela o levou à sua casa, o marido ainda não havia chegado. Serviu-lhe um jantar, na cozinha, e ele, não podendo conter-se, declarou-se apaixonado por ela. Foi então que Lina lhe ofereceu a boca para um beijo que jamais esqueceria.

O marido, Andrei, chegou lá pelas nove horas. Beberam vodka juntos e, como nevasse muito, aproveitou para dormir lá mesmo, no sofá da sala. De manhã, quando o marido se preparava para ir trabalhar, fingiu que ainda dormia e só se levantou depois que ele se foi. Aí entrou no quarto, jogou-se sobre Lina na cama e se amaram loucamente.

Mas aquele amor tinha data certa para acabar: terminaria o curso e ele teria de deixar o país. Na véspera da partida, os dois, de mãos dadas, beijando-se e chorando. Nem ele podia ficar nem ela podia mudar de país. Sem alternativa e para não perder o metrô, decidiu ir embora, sabendo que nunca mais a veria na vida. Mesmo assim, saiu e atravessou o parque, como um autômato.

Na manhã seguinte, como um autômato, foi para o aeroporto, entrou no avião e partiu. Faz 37 anos e seis meses. Nunca mais se viram.

3.1.1 ANÁLISE DAS CRÔNICAS DE ARNALDO JABOR

Com base nos parâmetros que caracterizam a gramaticalização, já citados neste trabalho: manipulação conceitual, unidirecionalidade, assimetria fora/significado, descategorização, perda de autonomia, erosão recategorização, princípio da continuidade e gradualismo, procede-se à análise do emprego dos advérbios.

Considerando as frases abaixo:

Na crônica de 13 de julho de 2010, temos os seguintes exemplos.

A – No segundo parágrafo, primeira e segunda linha da crônica:

Ex: **Lá** vai: toma porrada na cabeça sua vaca...“Você perdeu sua vaca”.

Nesse exemplo o advérbio “lá” sofre uma alteração do significado da palavra fonte, que na visão dos autores que estudam o processo de gramaticalização é a manipulação conceitual. De acordo com a gramática normativa, o advérbio “lá”, expressa um lugar. Na língua falada, ele perdeu essa característica, ou seja, ele sofreu uma perda de significado da palavra fonte, pois como podemos observar no exemplo acima, no início da fala, ele tem valor catafórico, funciona como elemento de ênfase da informação mencionada e também introduz uma informação nova ao texto.

B – No décimo oitavo parágrafo, primeira linha da crônica:

Ex: E **aí** Brunão! Chegou bem na hora!

C – No décimo nono parágrafo, primeira e segunda linha da crônica:

Ex: E **aí**...nenem, mandou bem, heim?

Nos exemplos acima, vale lembrar o princípio da sintagmatização e reanálise de Ataliba T. de Castilho (1997) que fala a respeito do desenvolvimento de novas estruturas a partir das velhas, das estruturas já existentes. De acordo com a gramática normativa o advérbio “aí”,

significa nesse lugar, próximo ao ouvinte, no lugar a que se faz referência. Na língua em uso, podemos perceber que surgem diversas estruturas novas a partir das estruturas velhas, conforme os exemplos B e C, em que o advérbio “aí” é usado como marcador discursivo, ou seja, ele sofreu descategorização, com valor pragmático, para promover a interação, anunciando falas que virão a seguir.

D – No vigésimo terceiro parágrafo, primeira e segunda linha da crônica:

Ex: **Aí**, chefe, dá uma cerveja pra seu priminho **aí** que não para de tremer.

Nesse exemplo o advérbio “aí” teve seu significado alterado, por conta do parâmetro da manipulação conceitual e o princípio da reanálise, que faz com que a gramaticalização altere o significado da palavra fonte e crie novas estruturas para formas antigas. De acordo com a gramática normativa o advérbio “aí”, significa nesse lugar, próximo ao ouvinte, no lugar a que se faz referência. Fazendo uma análise funcionalista notamos que o primeiro “aí” no início da frase é um marcador discursivo, ele sofreu descategorização e tem também valor pragmático, pois promove a interação e o segundo “aí” quase no final da frase tem um valor dêitico espacial, pois localizam o referente no espaço, tendo, portanto, perdido seu caráter temporal.

Na crônica de 03 de agosto de 2010, temos os seguintes exemplos.

A – No nono parágrafo, primeira linha da crônica.

Ex: **Bem**- dirão vocês – resta-nos o amor.

De acordo com a gramática normativa “bem” é advérbio de intensidade ou de modo. Na língua em uso comum, podemos notar que não é essa função que esse advérbio exerce no exemplo acima. Do ponto de vista funcionalista, quando o elemento “bem” do exemplo aparece no início da frase, marcando o início de uma conversa, uma fala, ele é um marcador conversacional, ou seja, as pessoas utilizam esse advérbio para iniciar uma conversa, uma fala, sendo uma forma de organizar o discurso ou até mesmo modalizar o discurso. Do ponto de vista da gramaticalização, ele funciona como um marcador discursivo, que visa promover a interação, ou seja, ele sofre descategorização.

Na crônica de 10 de agosto de 2010, temos o seguinte exemplo.

A – No último parágrafo, primeira linha da crônica:

Ex: É isso **aí**, bichos...os grandes poetas são profetas.

Para a gramática normativa, o elemento “aí” é um advérbio que indica lugar, próximo ao ouvinte ou lugar a que se faz referência. Na língua em uso, ele muda totalmente o sentido. No exemplo acima, ele é usado com valor catafórico, anunciando a informação nova que virá a seguir.

Na crônica de 17 de agosto de 2010, temos os seguintes exemplos.

A – No oitavo parágrafo, terceira e nona linha da crônica:

Ex: **Aí**, começaram as passeatas, assembleias contra a ditadura. Costa e Silva tinha alguns traços populistas e resolveu dialogar com os líderes do movimento democrático. Uma comissão vai conversar com o presidente. **Aí**, outro absurdo – os membros da comissão se recusam a vestir paletó e gravata na entrada do palácio: “não usamos gravatas burguesas”.

Nesse exemplo vale lembrar o princípio de continuidade e gradualismo estabelecido por Ataliba T. de Castilho (1997) que diz que a gramatização tende a inovação das estruturas da língua. De acordo com a gramática normativa o “aí” é um advérbio que indica lugar, próximo ao ouvinte ou lugar a que se faz referência. No exemplo acima notamos que o “aí”, está no início da frase, apresenta um valor temporal, significando “nesse momento” e, no segundo exemplo, tem um valor sequencial e funciona como conectivo, indicando a ação seguinte, também houve descategorização.

Na crônica de 24 de agosto de 2010, temos os seguintes exemplos.

A – No quarto parágrafo, primeira linha:

Ex; **Bem**, amigos, todo este “showzinho” de reflexões individualistas é, na verdade, para comunicar que estou entrando no twitter.

Nesse exemplo, notamos que o advérbio “bem” está no início da frase indicando o início de uma fala. De acordo com a gramática normativa “bem” é advérbio de modo. Na visão funcionalista, como podemos observar no exemplo acima, ele aparece na frase não como advérbio de modo, mas no início da frase, marcando o início de uma conversa, como um marcador discursivo, serve para organizar as informações e estabelecer a interação, houve a descategorização.

B – No quarto parágrafo, décima sétima linha da crônica:

Ex: E **aí** me pergunto: quem sou eu?

C – No quinto parágrafo, terceira linha da crônica:

Ex: E **aí** me ocorre a pergunta: o que é um amigo hoje?

Nesse exemplo o advérbio “aí” ocorre a descategorização, ou seja, as formas em processo de gramaticalização passa de uma categoria para a outra, que é o que corre com o exemplo acima. Segundo a gramática normativa o “aí” é um advérbio que indica lugar, próximo ao ouvinte ou lugar ao qual se faz referência. Nos exemplos B e C, ele é um elemento que indica tempo, significando “nesse momento”.

Na crônica de 07 de setembro de 2010, temos o seguinte exemplo.

A – No décimo parágrafo, terceira linha da crônica:

Ex: Por isso serei bem generalista, como só os bons apócrifos sabem fazer...Vamos **lá**.

Para a gramaticalização o advérbio “lá” passou por um processo de manipulação conceitual que implica na alteração do significado da palavra fonte, como podemos observar no “lá” que aparece no final da sentença. De acordo com a gramática normativa “lá” é advérbio que indica lugar. Na língua falada, não é isso que ocorre, como podemos constatar no exemplo acima. O “lá” sofre um processo de discursivização, logo é um marcador discursivo e, na expressão “Vamos Lá”, indica um convite do falante para que o ouvinte imagine a situação hipotética proposta por ele ou que siga o raciocínio a ser desenvolvido, houve a descategorização.

Na crônica de 12 de outubro de 2010, os seguintes exemplos.

A – No quarto parágrafo, quinta linha da crônica:

Ex: Vamos **lá**, sorria!

B – No último parágrafo, primeira linha da crônica:

Ex: Vamos **lá**...De novo: sorria mais deslocadamente...Não.

De acordo com a gramática normativa “lá”, é advérbio que indica lugar. De acordo com a visão funcionalista o “lá” nos exemplos acima, em conjunto com o verbo “ir”, sofrem um processo de discursivização e passa a funcionar como “interjeição” com o objetivo de atrair a atenção do interlocutor para garantir a interação. A expressão teria o sentido de “atenção” e seria um operador discursivo, houve a descategorização.

C – No quarto parágrafo, décima oitava linha da crônica:

Ex; **Aí**, galera jovem, vamos fazer um governo irado.

Segundo a gramática normativa “aí”, é advérbio de lugar, próximo ao ouvinte, lugar ao qual se faz referência. De acordo com a perspectiva funcionalista o “aí” do exemplo acima tem papel pragmático, pois estabelece a interação, sendo, portanto um operador discursivo, ou seja, houve a descategorização.

3.1.2 ANÁLISE DAS CRÔNICAS DE FERREIRA GULLAR

Com base nos parâmetros que caracterizam a gramaticalização, já citados neste trabalho: manipulação conceitual, unidirecionalidade, assimetria fora/significado, descategorização, perda de autonomia, erosão e recategorização – procede-se a análise do emprego dos advérbios.

Considerando as frases abaixo:

Na crônica de 15 de agosto de 2010, temos o seguinte exemplo.

A – No sétimo parágrafo, primeira linha da crônica:

Ex: **Aí** a coisa muda de figura.

De acordo com a gramática normativa, “aí”, indica lugar, próximo do ouvinte ou lugar a que se faz referência. De acordo com a visão funcionalista, verificamos que o “aí” do exemplo acima aparece no início da frase e retoma o que foi dito anteriormente. Tem-se a passagem do circunstanciador espacial gramaticalizando-se em operador argumentativo, havendo, portanto, a descategorização da unidade linguística.

Na crônica de 22 de agosto de 2010, temos os seguintes exemplos.

A – No décimo terceiro parágrafo, sexta linha da crônica:

Ex: Talvez saiba direito quem o feriu, **bem** pode ter sido aquele sujeito que parece bailar a sua frente.

De acordo com a gramática normativa “bem” é advérbio. Baseado em Martellota (1996), o exemplo acima ele aparece como um marcador discursivo, expressando dúvida, nesse caso pode-se afirmar que houve a descategorização.

Na crônica de 28 de novembro de 2010, temos os seguintes exemplos.

A – No décimo segundo parágrafo, oitava linha da crônica:

Ex: ...só se levantou depois que ele se foi. **Aí** entrou no quarto, jogou-se sobre Lina na cama e se amaram loucamente.

De acordo com a gramática normativa “aí” é advérbio que indica lugar, próximo do ouvinte, lugar a que se faz referência. Do ponto de vista funcional o “aí” do exemplo acima indica que a ação desenvolvida em um determinado momento, logo a palavra não perde seu caráter adverbial, mas passa a expressar um novo valor, o temporal.

Na crônica de 19 de dezembro de 2010 temos o seguinte exemplo.

A – No décimo quinto parágrafo, sétima linha da crônica:

Ex: Nem mesmo a que guardei comigo existe **mais**.

Segundo a gramática normativa “mais” é advérbio de intensidade. Do ponto de vista funcional, ele aparece no exemplo acima no final da frase indicando uma interrupção, um limite.

Na crônica de 02 de janeiro de 2011, temos o seguinte exemplo.

A – No terceiro parágrafo, sétima linha da crônica:

Ex : ...mas certamente não era **lá** uma sacação tão original.

De acordo com a gramática normativa o “lá”, é advérbio que indica lugar. De acordo com Martellota, no exemplo citado, o “lá” tem uma função modalizadora expressando o desinteresse do falante em relação ao tema tratado na troca comunicativa.

Passa-se, agora, à discussão dos resultados alcançados por esta pesquisa.

3.2. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise do *corpus* selecionado possibilitou-nos concluir que os advérbios estão passando por um processo de transformação que a gramática normativa não aborda que é o uso do advérbio em língua comum no dia a dia.

Os trechos das crônicas mostram-nos que os advérbios estão sujeitos a mudanças linguísticas determinadas pelas escolhas que o falante faz durante a fala, assume funções diferentes de acordo com a posição em que se encontram na sentença ou adquirem valores novos no uso. Ao optar por determinadas mudanças, o falante vai criando novas funções para formas já existentes e novas formas para funções já existentes, é a noção de gramática emergente, mostrando que o sistema linguístico está em constante transformação.

Para o falante, o significado linguístico está incorporado às formas da língua e à experiência de mundo que cada falante possui. Para satisfazer às suas necessidades, o falante recorre à criação de novas formas, inicialmente dotadas de grande força expressiva, mas que, com o passar do tempo, sofrem generalizações. A significação dessas formas se cristaliza, se tornando estereotipadas, criando um novo item lexical.

A seguir fizemos um quadro para mostrar 12 tipos de ocorrências que encontramos com o advérbio “Aí”, durante nossa análise do processo de gramaticalização dos advérbios no *corpus* selecionado:

Ocorrências	Função	Gramaticalização.
05	Marcador discursivo.	Descategorização.
02	Mudança de categoria.	Descategorização.
01	Conectivo.	Descategorização.
02	Perda de valor.	Manipulação conceitual.
01	Dêitico espacial, perda de caráter temporal.	Manipulação conceitual.
01	Valor catafórico.	Manipulação conceitual.

A seguir fizemos um quadro mostrar os cinco tipos de ocorrências que encontramos com o advérbio “lá”, durante nossa análise do processo de gramaticalização dos advérbios no *corpus* selecionado:

Ocorrências	Função	Gramaticalização
03	Marcador Discursivo.	Descategorização.
01	Valor catafórico, perda de significado da palavra fonte.	Manipulação conceitual.
01	Função modalizadora.	Manipulação conceitual.

A seguir fizemos um quadro para mostrar os três tipos de ocorrências que encontramos com o advérbio “bem”, durante nossa análise do processo de gramaticalização dos advérbios no *corpus* selecionado:

Ocorrências	Função	Gramaticalização
03	Marcador discursivo.	Descategorização.

Nos exemplos extraídos de fontes, de uso corrente da língua no dia a dia podemos verificar algumas características da gramaticalização: manipulação conceitual, unidirecionalidade, assimetria forma/significado, descategorização, perda de autonomia, erosão e recategorização, dentre outros princípios de gramaticalização como por exemplo, o princípio da continuidade e do gradualismo.

Como podemos observar nos quadros o processo mais frequente foi o da descategorização, pois ele aparece em 14 ocorrências, seguido da manipulação conceitual. Os marcadores discursivos de acordo com a pesquisa são muito mais frequentes do que a manipulação conceitual, a erosão, a recategorização etc. Eles são os responsáveis pelo processo de interação. E como viver em sociedade, significa viver sempre interagindo com o outro para estabelecer contato e comunicar-se o falante tende a fazer maior uso dos marcadores discursivo no meio social do qual faz parte, seja em sua casa, seu serviço.

Todos os princípios, mecanismos e características de gramaticalização são importantes para compreendermos e entendermos esse processo, mas temos de levar em consideração que

nem sempre todos os tipos de princípios, mecanismo e características apareceram em um único texto. Cabe a nós estudantes e pesquisadores conhecermos cada um deles para que possamos realizar nossas pesquisas, lembrando que nem todos apareceram em um único texto. Vale lembrar que a gramaticalização é um processo que tende a inovação da estrutura das línguas, que em outras palavras é o chamado de princípio de continuidade e gradualismo que prevalece no processo de gramaticalização.

É claro que a língua está em constante processo de transformação e esse momento é apenas um recorte de nossa época, daqui a alguns anos existirão outros estudos sobre o advérbio e esse estudo ficará apenas registrado, como uma das tentativas de forma tímida de entender e compreender como se dá o processo de gramaticalização dos advérbios na crônica. E essas ocorrências dos advérbios na língua em uso não constam das gramáticas tradicionais, somente nas de base teórica funcionalista.

CONCLUSÃO

O tema desse trabalho é o processo de gramaticalização dos advérbios no gênero jornalístico “crônica”.

Sabemos que a língua é um instrumento vivo, que está em constante processo de transformação e de mudança. Ela muda com o passar do tempo, ou seja, as línguas humanas não constituem realidades estáticas. Ao contrário, sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo e, em decorrência dessa alteração contínua, podem-se observar constantes transformações na configuração estrutural das línguas sem que, no entanto, se perca, em qualquer momento, aquele aspecto que costuma ser chamado de plenitude estrutural e potencial semiótico das línguas.

As línguas estão em movimento, mas nunca perdem seu caráter sistêmico e nunca deixam os falantes sem elementos necessários para estabelecer a comunicação e a produção de significados, ou seja, as línguas mudam, mas continuam organizadas e oferecendo a seus falantes os recursos necessários para a circulação dos significados.

As pessoas, ou melhor, os falantes nunca têm a consciência de que sua língua está mudando, sempre pensam que ela não é imutável e não sofre nenhum tipo de alteração e não é bem isso o que acontece com a língua em uso no dia a dia. Vale lembrar que a mudança atinge sempre partes e não o todo da língua, ou seja, ela é contínua, mas não generalizada, e elas muitas vezes, não é notada pelos falantes.

Existem situações em que os falantes acabam por perceber a existência de mudanças: por exemplo, quando expostos a textos muito antigos ou quando pesquisam as mudanças

existentes em sua língua, mas, em muitos casos, não notam diferenças. Achem o fenômeno que está acontecendo com a língua algo natural, interessante e não têm a preocupação e o interesse que um pesquisador tem, que é entender e compreender determinado fenômeno, o que ocasionou? Por que aconteceu? Quando começou?. Essas são preocupações que só quem é pesquisador as tem, pois os falantes não estão preocupados em saber o que muda ou não muda na língua, já que eles querem é falar, ser compreendidos, entender e compreender o outro.

Cada estado da língua, definível no presente ou em qualquer ponto do passado, é sempre resultado de um longo e contínuo processo histórico do mesmo modo que, em cada momento do tempo, as mudanças estão ocorrendo, ainda que imperceptíveis aos falantes.

Com base no que foi exposto, as questões que direcionaram nosso estudo foram:

- Pode-se afirmar que os advérbios estão de fato, passando por um processo de gramaticalização na língua escrita?
- Será que a forma como a gramática tradicional aborda o advérbio dá conta dos casos encontrados no gênero jornalístico “crônica”, no dia a dia, na língua em uso comum?

Com base nessas questões, o trabalho teve como objetivos:

- Analisar o gênero jornalístico “crônica”, a fim de verificar se os advérbios estão, de fato, passando por um processo de gramaticalização na língua escrita;
- Com base na análise feita, conferir se a forma como a gramática tradicional aborda os advérbios dá conta das ocorrências na língua em uso comum no dia a dia, no gênero jornalístico “crônica”?

Analizamos 12 crônicas, sendo 07 sete crônicas do escritor Arnaldo Jabor que escreve às terças-feiras no jornal O Estado de São Paulo e cinco crônicas do escritor Ferreira Gullar que escreve aos domingos no jornal Folha de São Paulo, utilizando os parâmetros de gramaticalização apontados por Gonçalves, Martellota e Poggio, apresentamos no capítulos I e os parâmetros da gramática de usos da Moura Neves, no capítulo II. Com base nesse referencial, podemos responder as questões que direcionaram nosso trabalho:

- Pode-se afirmar que os advérbios estão de fato, passando por um processo de gramaticalização na língua escrita?

Sim, os advérbios estão passando por um processo de gramaticalização na língua escrita, pois como podemos observar na análise das crônicas, cada vez mais eles vão deixando de exercer suas funções de origem para desenvolverem outras funções, vão mudando de categoria, mudam de valor, vão exercendo função de marcador discursivo, deixando de lado sua função prescrita na gramática tradicional que era de palavra invariável, modificador do verbo, adjetivo e próprio advérbio.

- Será que a forma como a gramática tradicional aborda o advérbio dá conta dos casos encontrados no gênero jornalístico “crônica”, no dia a dia, na língua em uso comum?

Não, a gramática tradicional não dá conta de todos os casos encontrados na língua em uso, pois para isso seria necessário que a gramática tradicional tivesse uma base teórica funcionalista, como propõe a gramática de usos da Maria Helena de Moura Neves..

Logo, nosso objetivo foi alcançado quando constatamos que os advérbios encontrados nas crônicas, exerciam funções diferentes de acordo com a posição em que se encontravam na sentença, ou adquiriam valores novos no uso. Assim, chegamos à seguinte conclusão, o advérbio está passando por um processo de gramaticalização na língua escrita como podemos constatar na análise do Corpus. Logo, a forma como ele é abordado na gramática tradicional não dá conta de todas as ocorrências da língua em uso. Para uma descrição linguística que dê conta dos variados tipos de ocorrências dos advérbios e de outras classes de palavras na língua em uso a base teórica deve ser funcionalista, tal como propõe a Gramática de usos da Maria Helena de Moura Neves, pois é uma gramática que tem como objetivo mostrar como está sendo usada a língua atualmente no Brasil e não mostrar como deve ser usada de acordo com as regras de bom uso, como faz a gramática tradicional.

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, Dulcelita Pereira Ribeiro de. *O uso da negação no Português Brasileiro: gramática e gramaticalização*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

ALI, M. Said. *Gramática histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1964.

_____. *Gramática secundária da Língua Portuguesa*. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1965.

AZEREDO, José C. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo, Publifolha, 2009.

BARROS, Diana L. P. Efeitos de oralidade no texto escrito. In: PRETI, Dino. *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo, Humanitas, 2006. (pp. 57-84.)

_____. Linguagem popular e oralidade: efeitos de sentido nos discursos. In: PRETI, Dino. *Oralidade em textos escritos*. São Paulo, Humanitas, 2009. (pp.41-72.)

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2009.

BOMFIM, Eneida. *Advérbios*. São Paulo, Editora Ática, 1988.

- BRAIT, Beth. O processo interacional. In: PRETI, Dino. *Análise de textos orais*. São Paulo, Humanitas, 2003. (pp. 215-244.)
- CÂMARA JR, Joaquim M. *História da Linguística*. Rio de Janeiro, Vozes, 1975.
- CASTILHO, Ataliba T. Língua falada e gramaticalização. In: *Revista de filologia e Linguística Portuguesa. Vol. 01*. São Paulo, Humanitas, 1997. (pp.107-120.)
- _____. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo, Editora Contexto, 1998.
- _____. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo, Editora Contexto, 2010.
- CUNHA, Celso. & CINTRA, Luís F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro, Lexicon, 2008.
- DUBOIS, Jean; GIACOMO, Mathée; GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Christiane; MARCELLESI, Jean-Baptiste; MEVEL, Jean-Pierre. *Dicionário de linguística*. São Paulo, Editora Cultrix, 1978.
- FARACO, Carlos A. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo, Parábola Editorial, 2005.
- GONÇALVES, Sebastião C. L; LIMA-HERNANDES, Maria C; GALVÃO, Vânia C. C. *Introdução a Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo, Parábola Editorial, 2007.
- HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elisabeth C. *Grammaticalization*. Cambridge, Cambridge University Press, 1993.
- ILARI, Rodolfo & BASSO, Renato. *O Português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo, Editora Contexto, 2006.
- KOCH, Ingedore C. V. *Introdução a Linguística textual*. São Paulo, Martins Fontes, 2004.
- _____. Especificidades do texto falado. In: JUBRAN, Clélia C. A. S; KOCH, Ingedore G. V. (orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2006.
- LEITE, Marli Q. Do falado ao escrito e vice-versa. In: PRETI, Dino. *Oralidade em textos escritos*. São Paulo, Humanitas, 2009. (pp.73-94.)
- LIMA-HERNANDES, Maria C. *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. São Paulo, Paulistana, 2010.
- LUFT, Celso P. *Língua e liberdade: por uma nova concepção da língua materna*. São Paulo, Editora Ática, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo, Cortez Editora, 2004.

MARTELOTTA, Mário E; VOTRE, Sebastião J; CEZARIO, Maria M. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris, Librairie Ancienne Honoré Champion, Editeur, 1948.

NEVES, Maria H. M. *A gramática funcional*. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo, Editora UNESP, 2000.

_____. *A Gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo, Editora UNESP, 2002.

_____. *Texto e gramática*. São Paulo, Editora Contexto, 2006.

_____. Fala e escrita: a mesma gramática? In PRETI, Dino. *Oralidade em textos escritos*. São Paulo, Humanitas, 2009. (pp.19-40.)

_____. *Ensino de Língua e vivência de linguagem: temas em confronto*. São Paulo, Editora Contexto, 2010.

PALMA, Dieli V. Gramaticalização, pensar metafórico, indeterminação do sentido e ensino de Língua Portuguesa. In: BASTOS, Neusa M. O. B.(org.) *Língua Portuguesa em Calidoscópio*. São Paulo, EDUC, 2004. (p.159-178).

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo, Editora Ática, 2003.

_____. *Princípios de Linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical*. São Paulo, Parábola Editorial, 2006.

POGGIO, Rosaura, M. G. F. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista*. Salvador, Editora UFBA, 2002.

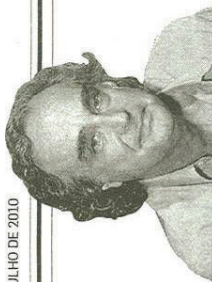
PONTES, Eunice S. L. *Espaço e tempo na Língua Portuguesa*. Campinas-SP, Pontes, 1992.

TRAVAGLIA, Luiz C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. São Paulo, Cortez Editora, 1996.

VILAR, Amadora F. *A multiplicidade de usos do numeral: uma abordagem funcionalista*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

VITRAL, Lorenzo; RAMOS, Jânia. Gramaticalização de você: um processo de perda de informação semântica. In: *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa. Vol.03*. São Paulo, Humanitas, 1999. (pp.55-64.)

_____. & COELHO, Sueli (orgs). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas-SP, Mercado de Letras, 2010.



**ARNALDO
JABOR**

arnaldo.jabor@estado.com.br

SEGUNDA-FEIRA LUCIA GUIMARÃES MATTHEW SHIRTS	TERÇA-FEIRA ARNALDO JABOR	QUARTA-FEIRA ROBERTO DAMATTA	QUINTA-FEIRA LUIZ FERNANDO VERSSINO	SEXTA-FEIRA BRUNO DE LOYOLA BRUNO DE LOYOLA MILTON HATOUN	SÁBADO MARCELO RUBENS PAPA MARIA RITA KEHL	DOMINGO LUIZ FERNANDO VERSSINO JOÃO UBALDO RIBEIRO DANIEL PIZA
---	-------------------------------------	--	--	---	--	---

Muito além da barbárie

O carro corre, vejo a paisagem passar, os morros lá longe, as vaquinhas, meu primo me prometeu 3 mil contos, tenho de segurar ela por trás e bater... pô... com esta música no rádio, tchan, tchan e esta criança chorando, eu estou com medo também, mas o Bruno disse que "di-me-nor" não tem bronca, tudo numa boa... só um tempinho na Febem.

Lá vai: toma porrada na cabeça, segura ela, garoto babaca, e você pára de chorar, bagaceira, e faz teu

filho parar também, senão eu largo esse menino na estrada ou não me chamo Macarrão... A gente tentando te ajudar e você criando caso... O Bruno é sangue bom... quando eu vejo o riso dele com os dentes brancos, eu me derreto... ele voando, voando até a bola, santo Deus, a bola obedece o homem, por isso fiz a tatuagem com uma declaração de amizade eterna nas costas, cala a boca, menino filho da égua, eu vou botar um esparadrapo na boca dele... Você também, priminho mané, pára de tremer... Você veio não veio? O Bruno não disse que vai te dar uma grana, hein, seu merdinha... Agora amarelon?

Porra, 14 horas de estrada por causa duma desgraçada que cuspiu o remédio do aborto que eu dei... vou encher ela de porrada quando chegar no sítio, ela não me obedece, não quero filho nenhum nem vou

dar merda nenhuma pra ela, a Dayanne já me arranhou todo por causa dela, estou de saco cheio, mulher é fogo, só problema... Será que elas não me respeitam? Eu sou o goleiro da próxima Copa, porra, e essas escritoras não me ouvem, por isso eu escutei aquelas vagabundas da Vila Mimosa, deixei caldas no chão e negro não falou nada... Eles respeitam o ídolo aqui... elas não, porra...

Quero pegar minha grana e fugir pela janela do carro, os urubus estão rondando a carniça dum boi lá longe no

pasto, tenho de segurar a barra, minha mão treme com esse "tresoitão" sem bala, o sangue da Eliza está pingando no banco...

Olha aqui Eliza, pára de soluçar que eu, Macarrão, garanto... Bruno até falou num apartamento pra você, agora fica quieta, e tapa a boca desse menino, já estamos chegando neste sítio que está uma esculhambação - se eu não cuidou de tudo fica esta bosta, vou des-

pedir esse caseiro de merda, sou eu que estou chegando ô babaca, abre a porta, ra aí... sou eu, o Macarrão... É, pronto, agora seu merdinha, pára de tremer e leva a Eliza para dentro do quarto... E pro teu bem, menina, entra logo, o bebê não, leva ele pro outro quarto... Não tem leite... E você, priminho babaca, leva

o garoto no colo... o Neném está espiando... há há...

Esses cachorros parece que adivinharam... não comem há dois dias... eles me olham de baixo... isso, range os dentes, Duque, rosna meu filhinho, adoro o cheiro da baba deles, onze, feito um time... Ah... tá chegando a mona... No filme de sacanagem ela é mais gostosa... Pára de chorar, meu bem... eu sou o Neném, gente boa... Não aguenta mais apertar, meu bem? Ah... põe o "rap" aí, Macarrão, bem alto...

"Paparapapapapapa kia kium

"Esses cachorros parece que adivinharam... não comem há dois dias... isso, range os dentes"

Tem um de AR15 e o outro de 12 na mão. Tem mais um de pistola e outro com dois oitão"

Bota mais alto, agora ...pode gritar, que ninguém ouve...

"Um vai de Uru na frente, escoltando o camburão

Tem dois na retaguarda, mas tão de crock na mão!"

Mais alto, porra!

Que cheiro bom - bosta, baba de cachorro, dente, ruídos, lama, quem sou eu? Eu sou o Neném... Ôh, Macarrão, é pra dar fim ao bebê também?

Não? Então sai fora com ele... Minha filha, deixa eu ver esse corpinho, tira a roupa... isso... tira, porra, ou quer que eu rasgue? Tu é mais gostosa no filme... Eu sou o Papai Noel do saco

grande... tá vendendo esse saco aqui?... vai ficar cheio de presentes... tira o resto da roupa, tira a calcinha... deixa eu ver tua carne, tu tá gordinha, agora vamos lá, se vira... Vou te comer não... Pra que este facão?... Ah... é pro churrasco... Agora mais alto o rap... aii!! Bem alto!! Arrasou!!

"Pa-pa-ra-pa-pa ki bum!"

E aí, Bruno! Chegou bem na hora! Tou levando este saco aqui... pros meninos... afasta Sheila, calma Leão...! Os focinhos estão pingando, baba... baba... Estavam espiando, hein, 'brotherszinhos'?... Toma lá... lá vai a mãozinha dela, com unha pintada...!! E aí... Nenem, mandou bem, hein?

Claro, Bruno... cada dentada é de 150 quilos...

Calma, Buzunga, come devagar... tem pra todos...

Pronto, chefe... Tudo resolvido... relaxa que a putada que vem pro churrasco não desconfia de nada... só gente fina... as vagabundas limpas também... é tudo de Belô... Vai ser um churrasquinho... tem picanha, chulera...

Aí, chefe, dá uma cerveja pra seu priminho aí que não pára de tremer... E aí, Bruno, tá contente?

Tu mandou bem, hein, Neném! A gente faz o que o chefe manda... Solta o funk!

Tudo resolvido... me dá a cerveja... Em 2014, eu vou arrasar, Macarrão...



**ARNALDO
JABOR**

arnaldo.jabor@estadiao.com.br

SEGUNDA-FEIRA LÚCIA GUIMARÃES MATTHEW SHIRTS	TERÇA-FEIRA ARNALDO JABOR	QUARTA-FEIRA ROBERTO DAMATTA	QUINTA-FEIRA LUIS FERNANDO VERISSIMO	SEXTA-FEIRA IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO MILTON HATOUNI	SÁBADO MARCELO RUBENS PAIVA MARIA RITA KEHL	DOMINGO LUIS FERNANDO VERISSIMO JOÃO UBALDO RIBEIRO DANIEL PIZA
---	-------------------------------------	--	---	--	---	--

A felicidade é uma obrigação de mercado

Desculpem a autorreferência, que é vitupério — me estou terminando meu livro *A Suprema Felicidade* que me tomou três anos, entre o roteiro, preparação e filmagem. Agora sairá a primeira cópia.

Amigos me perguntam: "Que é essa tal de *A Suprema Felicidade*? Onde está a felicidade?" Eu penso: que felicidade? A de ontem ou a de hoje?

Antigamente, a felicidade era uma missão a ser cumprida, a conquista de algo maior que nos coraçoasse de louros; a felicidade demandava "sacrifício". Olhando os retratos antigos, vemos que a felicidade masculina estava ligada à ideia de "dignidade", vitória de um projeto de poder. Vemos os barbudos do século 19 de nariz empinado, perfis de medalha, tirânicos sobre a mulher e os filhos, ocupados em realizar a "felicidade" da família. Mas, quando eu era criança, via em meus parentes, em minha casa, que a tal felicidade era cortada por uma certa tristeza, quase desejada. Já tinha começado o desgaste das famílias nucleares pelo ritmo da modernidade.

Hoje, a felicidade é uma obrigação de mercado. Ser deprimido não é mais "comercial". A infelicidade de hoje é dissimulada pela alegria obri-

gatória. É impossível ser feliz como nos anúncios de margarina, é impossível ser sexy como nos comerciais de cerveja. Esta "felicidade" infantil dá um dia se dá num mundo cheio de tragédias sem solução, como uma "disneylândia" cercada de homens-bomba.

A felicidade hoje é "não" ver. Felicidade é uma lista de negações. Não ter câncer, não ler jornal, não sofrer pelas desgraças, não olhar os meninos malabaristas no sinal, não ter coração. O mundo está tão sujo e terrível que a proposta que se esconde sob a ideia de felicidade é ser um clone de si mesmo, um androide sem sentimentos.

O mercado demanda uma felicidade dinâmica e incessante, cada vez mais confundida com consumo, como uma "fast-food" da alma. O mundo veloz da internet, do celular, do mercado financeiro nos obriga a uma ginástica contra a morte ou velhice, melhor dizendo, contra a obsolescência do produto ou a corrosão dos materiais.

A felicidade é ter bom funcionamento. Há décadas, o precursor McLuhan falou que os meios de comunicação são extensões de nossos braços, olhos e ouvidos. Hoje, nós é que somos extensões das coisas. Fulano é a extensão de um banco, sicrano comporta-se como um celular, beltrana rebola feito um liquidificador. Assim como a mu-

lher deseja ser um objeto de consumo, como um "avião", uma máquina petuda, bunduda, o homem também quer ser uma metralhadora, uma Ferrari, um torpedeiro inteligente, e mais que tudo, um grande pênis voador.

A ideia de felicidade é ser desejado. Felicidade é ser consumido, é entrar num circuito comercial de sorrisos e festas e virar um objeto de consumo. Não consigo me enquadrar nos rituais de prazer que vejo nas revistas. Posso

É ser desejado, é entrar num circuito comercial de festas e virar objeto de consumo

ter uma crise de depressão em meio a uma orgia, não tenho o dom da gargalhada infinita, posso broxar no auge de uma bacanal. Fui educado por Jesus, para quem o sorriso era quase um pecado, a gargalhada um insulto.

Bem — dirão vocês —, resta-nos o amor... Mas, onde anda hoje em dia, esta pulsão chamada "amor"?

O amor não tem mais porto, não tem onde ancorar, não tem mais família nuclear para se abrigar. O amor ficou pelas ruas, em busca de objeto, esfafragado, sem rumo. Não temos mais músicas românticas, nem o lento perder-se dentro de "olhos de ressa-

ca", nem o formidável com guaraná. Mas, mesmo assim, continuamos ansiando por uma felicidade impalpável.

Uma das marcas do século 21 é o fim da crença na plenitude, seja no sexo, no amor e na política.

Se isso é um bem ou um mal, não sei. Mas é inevitável. Temos de parar de sofrer romanticamente porque definhou o antigo amor... No entanto, continuamos — amantes ou filósofos — a sonhar como uma volta ao passado que julgávamos que seria harmônico. Temos a nostalgia lírica por alguma coisa que poço voltar atrás. Não volta. Nada volta atrás.

Sem a promessa de eternidade, tudo vira uma aventura. Em vez da felicidade, temos o gozo rápido do sexo ou o longo sofrimento gozoso do amor; só restaram as fortes emoções, a deliciosa dor, as lágrimas, motéis, perdas, retornos, desertos, luzes brilhantes ou mortificações, a chuva, o sol, o nada. O amor hoje é o cultivo da "intensidade" contra a "eternidade". O amor, para ser eterno hoje em dia, paga o preço de ficar irrealizado. A droga não pode parar de fazer efeito e, para isso, a "prise" não pode passar. Ai, a dor vem como prazer, a saudade como excitação, a parte como o todo, o instante como eterno. E, atenção, não falo de "masoquismo"; falo do espírito do tempo.

Há que perder esperanças antigas e talvez celebrar um sonho mais efetivo. É o fim do "happy end", pois na verdade tudo acaba mal na vida. Estamos diante do fim da insupportável felicidade obrigatória. Em tudo.

Não adianta lamentar a impossibilidade do amor. Cada vez mais o parcial, o fortuito é gozoso. Só o parcial nos excita. Temos de parar de sofrer por uma plenitude que nunca alcançamos.

Hoje, há que assumir a incompletude como única possibilidade humana. E achar isso bom. E gozar com isso.

Não há mais "todo"; só partes. O verdadeiro amor total está ficando impossível, como as narrativas romancescas. Não se chega a lugar nenhum porque não há onde chegar. A felicidade não é sair do mundo, como privilegiados seres, como estrelas de cinema, mas é entrar em contato com a trágica substância de tudo, com o não sentido, das galáxias até o organismo. Usamos uma máscara sorridente, um disfarce para nos proteger desse abismo. Mas esse abismo é também nossa salvação. A aceitação do incompleto é um chamado à vida.

Temos de ser felizes sem esperança. E este artigo não é pessimista...

ARNALDO JABOR

arnaldo.jabor@estadao.com.br



SEGUNDA-FEIRA
LÚCIA GUIMARÃES
MATTHEW SHIRTS

TERÇA-FEIRA
ARNALDO JABOR

QUARTA-FEIRA
ROBERTO DAMATTA

QUINTA-FEIRA
LUIS FERNANDO
VERISSIMO

SEXTA-FEIRA
IONÁCIO DE LOYOLA
BRANDÃO
MILTON HATOUN

SÁBADO
MARCELO RUBENS
PAIVA
MÁRIA RITA KEHL

DOMINGO
LUIS FERNANDO
VERISSIMO
JOÃO UBALDO RIBEIRO
DANIEL PIZA

As bombas desejam explodir

Há 65 anos, em 6 e 9 de agosto de 1945, os americanos destruíram Hiroshima e Nagasaki. Todo ano mereço e escrevo artigos parecidos sobre a bomba nessa data, não para condenar um dos maiores crimes da humanidade, não, mas para lembrar que o impensável pode acontecer a qualquer momento.

Agora, não temos mais a Guerra Fria; ficamos com a guerra quente do deserto – a mais perigosa combinação: fanatismo religioso e poder atômico. Vivemos dois campos de batalha sem chão; de um lado, a cruzada errada do Ocidente, apesar e além de Obama. Do outro lado, temos os homens-bomba multiplicados por mil. E eles amam a morte.

Hoje, já há uma máquina de guerra se programando sozinha e nos preparando para um confronto inevitável no Oriente Médio. Estamos num momento histórico onde já se ouvem os trovões de uma tempestade que virá. Os mecanismos de controle pela “razão”, sensatez, pelas “soft powers” da diplomacia perdem a eficácia. Insistimos em um progressivo irracionalismo num “choque de civilizações”, sim (sei do simplismo da análise do Huntington em 93, mas estamos diante do simplismo da realidade), formando uma equação com mil incógnitas impossíveis de solucionar. Como dar conta da alucinação islâ-

mica religiosa com amor à morte, do Paquistão, Índia, Israel, do Irã dominado por ratos nucleares em breve, da invencibilidade do Afeganistão, com a hipercidade de Israel com Bibi, com o Hamas ou o Hezbollah que querem impedir o “perigo da paz?”

“There is a shit-storm coming” – disse Norman Mailer uma vez.

Tudo leva a crer que algo terrível acontecerá. A crença na razão ocidental foi ferida por dois desastres: o 11 de Setembro e a invasão do Iraque. A caixa de Pandora que Bush abriu nunca mais se fechará.

Estamos às vésperas de uma bruta mudança histórica. Sente-se no ar o desejo inconsciente por tragédias que pareçam uma “revelação”. Surge a fome por algo que ponha fim ao “incontrolável”, a coisa que o Ocidente mais odeia. Mesmo uma catástrofe sangrenta parecerá uma “verdade” nova.

Vivemos hoje na era inaugurada por Hiroshima.

Lá e em Nagasaki três dias depois, inaugurou-se a “guerra preventiva” de hoje. Enquanto o holocausto dos judeus na 2.ª Guerra fecha o século 20, motivando ainda por contradições do século 19, o espetáculo luminoso de Hiroshima marca o início da guerra do século 21. O horror se moderniza, mas não acaba.

Auschwitz e Treblinka ainda eram “fornos” da Revolução Industrial, eram massacres “fordistas”, mas Hiroshima inventou a guerra tecnológica.

ca, virtual, asséptica. A extinção em massa dos japoneses no furacão de fogo fez em um minuto o trabalho de meses e meses do nazismo.

O que mais impressiona na destruição de Hiroshima é a morte “on delivery”, “de pronta entrega”, sem tensões de guerra, morte “clean”, anglo-saxônica. A bomba americana foi considerada uma “vitória da ciência”.

Os nazistas matavam em nome do ideal psíquico e “estético” de “refor-

Sente-se no ar o desejo inconsciente por tragédias que pareçam uma “revelação”

mar” a humanidade para o milênio ariano. As bombas americanas foram lançadas em nome da “Razão”. Na luta pela democracia, rasparam da face da Terra os “japongos”, seres obíquos que, como dizia Truman em seu diário: “São animais cruéis, obstinados, traidores.” Seres inferiores de olho puxado podiam ser fritos como “shitakes”.

A bomba A agiu como um detergente, uma mata-baratas. A guerra como “limpeza”, o típico viés americano de tudo resolver, rápida e implacavelmente. E continua aí, cozinhando na impaciência dos generais israelenses e nos falções do Pentágono.

A destruição de Hiroshima foi “desnecessária” militarmente. O Japão estava de joelhos, querendo preservar apenas

o imperador e a monarquia. Diziam que Hitler estava perto de conseguir a bomba – o que é mentira.

Uma das razões reais era que o presidente e os falções da época queriam testar o brinquedo novo. Truman fala dele como um garoto: “Uau! É o mais fantástico aparelho de destruição já inventado! Uau! No teste, fez uma torre de aço de 60 metros virar um sorvete quente!” O clima era lúdico e alucinado... tanto que o avião que largou a bomba A em Hiroshima tinha o nome da mãe do piloto na fuselagem – “Enola Gay”, esse gesto de carinho derreteu no fogo 150 mil pessoas. Essa foi a mãe de todas as bombas, parindo um feto do Denônio, exterminando 40 mil crianças em 15 segundos.

Os americanos queriam vingar Pearl Harbour, pela surpresa de fogo, exatamente como o ataque japonês três anos antes. Queriam também intimidar a União Soviética, pois começava a Guerra Fria; além, claro, de exibir para o mundo um show “maravilhoso” de som e luz, uma superprodução em cores do novo Império.

O Holocausto sujou o nome da Alemanha, mas Hiroshima soa como uma vitória tecnológica “inevitável”. Na época, a bomba explodiu como um alívio e a opinião pública celebrou tontamente. Nesses dias, longe da Ásia e Europa, só havia os papéis brancos caindo como bombas da paz na 5.ª Avenida, sobre os beijos de amor da vitória. Naquele contexto não

havia conceitos disponíveis para condenar esse crime hediondo. A época estava morta para palavras, na vala comum dos detritos humanistas.

Hoje, a época está de novo morta para palavras, insuficientes para deter ou mesmo descrever os fatos. Vale lembrar o poema de William Yeats, *The Second Coming*, de 1919, diante do horror da 1.ª Guerra e ratos e trincheiras...

“Tudo se desmancha no ar. O centro não segura a imensa anarquia solta sobre o mundo. Terrível mar de sangue invade tudo e as cerimônias da inocência são afogadas.

Os homens melhores não têm convicção; e os piores estão tomados pela intensa paixão do mal.

(...)

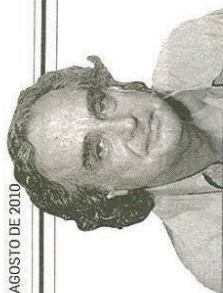
Alguna revelação vem por aí; sem dúvida, é a Segunda Vinda.

(...)

Voltou a escuridão; e eu vejo que vinte séculos de sono de pedra

Querem se vingar do pesadelo que lhes trouxe o berço de um presépio. A hora chegou por fim; Que monstruosa fera se arrastava para Belém para renascer!”

É isso aí, bichos... Os grandes poetas são profetas.



ARNALDO JABOR

arnaldo.jabor@estadao.com.br

SEGUNDA-FEIRA
LÚCIA GUIMARÃES
MATTHEW SHIRTS

TERÇA-FEIRA
ARNALDO JABOR

QUARTA-FEIRA
ROBERTO DANATTA

QUINTA-FEIRA
LUIS FERNANDO
VERSSIMO

SEXTA-FEIRA
IGNÁCIO DE LOYOLA
BRANDÃO
MILTON HATUM

SÁBADO
MARCELO RUBENS
PAIVA
MARIA RITA KEHL

DOMINGO
LUIS FERNANDO
VERSSIMO
JOÃO UBALDO RIBEIRO
DANIEL PIZA

Os grandes arrepios

Hoje começa o circo da propaganda eleitoral, o desfile de horrores da política brasileira. Os dois carros-chefes do desfile, Dilma e Serra, correm na frente de um trem fantasma de caras e bocas e bochechas que trazem um quadro sinistro do Brasil, fragmentado em mil pedaços – o despreparo, a comédia das frases, dos gestos, das juras de amor ao povo, da ostentação de dignidades mansas.

Os candidatos equilibram bolas no nariz como focas amestradas, dão “puns” de talco, dão cambalhotas no ar como babuínos de bunda vermelha, voando em trapézios para a macacada se impressionar e votar neles. Os candidatos têm de comer pastéis de vento, de carne, de palmito, buchada de bode e dizer que gostaram, têm de beber cerveja com bicheiros e vagabundos, têm de abraçar gordos fedorentos e aguentar veelhinhos sem dente, beijar crianças mijadas, têm de ostentar atenção forçada aos papos com idiotas, têm de gargalhar e dar passinhos de “rebolation” quando gostariam de chorar no meio-fio – palhaços de um teatrinho absurdo num país virtual, num grande pagode onde a verdade é mentira e vice-versa.

Ninguém quer o candidato real; querem o que ele não é. A política

virou um parafuso espanado que não rola mais na porca da vida social, mas todos fingem que só pensam no povo e não em futuras maracutaías.

Arrepios voltaram. Ninguém sabe o que vai acontecer. Só nos resta o mau ou bom agouro, o palpite, a orlha coçando, o cara ou coroa. Meu primeiro arrepio foi em 54. Estou do lado do rádio e ouço o *Repórter Esso*: “O presidente Vargas acaba de se suicidar com um tiro no peito”. O mundo quebrou com o peito de Getúlio sangrando, as empregadas correndo e chorando.

Estou no estribo de um bonde, em 61. “O Jânio Quadros renunciou!”, grita um sujeito. Gelou-me a alma. Afinal, eu votara pela primeira vez naquele caspento louco (o avô “midiático” do Lula), mais carismático que o careca do general Lott. Eu já sentira arrepios quando ele proibiu biquínis nas praias. Tinhamos elegidos um louco – não seria o único...

Em 64, dias antes do golpe militar – o comício da Central do Brasil. Serra também estava, falando, de presidente da UNE. Clima de vitória do ‘socialismo’ que Jango nos daria (até para fazer ‘revolução’ precisamos do governo...). Tio-Brás, hinos, Jango discursando, êxtase político: seríamos a pátria do socialismo carnavalesco. Volto para casa, eufórico, mas, já no ônibus, passando no

Flamengo, vejo uma vela acesa em cada janela da classe média, em sinal de luto pelo comício de ‘esquerda’. Na noite ‘socialista’, cada janela era uma estrelinha de direita. “Não vai dar certo essa porra...” – pensei, arrepiado. Não deu.

Ainda em 64, festa do ‘socialismo’ no teatro da UNE, 31 de março, 11 da noite, Elza Soares, Nora Ney, Grande Otelo comemoram o show da vitória. No dia seguinte, a UNE pegava fogo, apedrejada por meus colegas fascistas da PUC. Na capa da revista *O Cruzeiro*, um baixinho feio, vestido de verde-oliva me olha. Quem é? É o novo presidente, Castelo Branco. Corre-me o arrepio na alma: minha vida adulta foi determinada por aquele dia. O sonho virou um pesadelo de 20 anos.

“A política virou um parafuso espanado que não rola mais na porca da vida social”

Depois, vem o Costa e Silva, outro arrepio, sua cara de burro triste e, pior, sua mulher perua brega no poder. Ai, começaram as passeatas, assembleias contra a ditadura. Costa e Silva tinha alguns traços populistas e resolveu dialogar com os líderes do movimento democrático. Uma comissão vai conversar com o presidente. Ai, outro absurdo – os membros da comissão se recu-

sam a vestir paletó e gravata na entrada do palácio: “Não usamos gravatas burruças!” e o encontro fracassa. Ninguém lembra disso; só eu, que sou maluco e olho os detalhes.

Tancredo entrou no hospital e arrepiou-me o sorriso deslumbrado dos médicos de Brasília no *Fantástico*, amparando o presidente como um boneco de ventríloquo; tremei-me o corpo quando vi que nossa história fora mudada por um microbio em seu intestino.

Arrepiou-me ver o Sarney, homem daditadura, posando de “oligarca esclarecido” na transição democrática, com seu jaquetão de “teflon”, até hoje intocado. Assustei-me com a moratória de 87, aterrizou-me a inflação de 80% ao mês. E, depois, vejo a foto do Collor na capa da *Veja* – com todo mundo dizendo: “Ele é jovem, bonito, macho...”, revirando os olhos numa veia de ideologia. Foi um período tragicômico, com a nação olhando pela fechadura da “Casa da Dinda” para saber do seu destino. Depois o período do “impeachment”, dos caras-pintadas, num breve refresco dos arrepios. Durante Itamar, a letargia jeca-atu, só quebrada pela mudança na economia com o Plano Real que FHC fez (que depois foi roubado pelo Lula, Brasil...). Ai, 1994, o ano da esperança, Brasil tetra na Copa e um grande intelectual de esquerda subindo ao poder. Mas meu arrepio histórico

logo voltou, quando vi que a Academia em peso odiava FHC por inveja e rancor, criando chavões como “neoliberalismo”, “alianças espúrias” (infantis, comparadas com a era Lula). Os radicais de cervejaria ou de estrebaria não deram um escasso crédito de confiança a FHC que veio com uma nova agenda, para reformar o Estado patrimonialista.

Durante o mandato, o próprio governo FHC cometeu seu erro máximo que até hoje repercute – não explicou didaticamente para a população a revolução estrutural que realizava: estabilização da economia, lei de responsabilidade fiscal, privatizações essenciais, consolidação da dívida interna, saneamento bancário que nos salvou da crise de hoje, telefonia, tudo aquilo que, depois, Lula desapropriou como obra sua. É arrepiante ver a mentira com 80% de ibope.

Arrepiou-me a morte de Sérgio Motta, Mário Covas e Luís Eduardo Magalhães, levando para o túmulo a autoestima do PSDB, o partido que se esvai e apanha calado.

Hoje, estamos diante do mistério: Dilma ou Serra? Teremos a sabotagem radical de tropas pelegas impedindo Serra de governar ou o “revival” do arremedo de socialismo que já era ridículo em 63? Arrepiou-me.



**ARNALDO
JABOR**

arnaldo.jabor@estado.com.br

SEGUNDA-FEIRA LÚCIA GUIMARÃES MATTHEW SHIRTS	TERÇA-FEIRA ARNALDO JABOR	QUARTA-FEIRA ROBERTO DAMATTA	QUINTA-FEIRA LUIZ FERNANDO VERISSIMO	SEXTA-FEIRA IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO MILTON HATOUN	SÁBADO MARCELO RUBENS PAIVA MARIA RITA KEHL	DOMINGO LUIS FERNANDO VERISSIMO JOÃO UBALDO RIBEIRO DANIEL PIZA
--	------------------------------	---------------------------------	--	--	--	---

Estou nascendo hoje na internet

Afinal, quem sou eu? Descobri que há vários labores dando sopa na web. Uma vez, disse aqui que jamais entraria nos twitters da vida, nos orkut's do pedação, nos facebook's das quebras... Claro que dá pra ficar fora dessas "redes sociais", mas sinto-me isolado como aqueles caras que se recusam a ver televisão, para defender sua "individualidade". No entanto, que individualidade, que "eu" se manteria "puro" e protegido longe da TV ou fora da web hoje? Que "eu" sobriaria? Não há um "eu" sozinho - esse sonho de pureza e originalidade acabou. O "eu" é feito de detritos de lembranças, de sonhos, de traumas, mas também é fabricado pelas coisas. A pilula fez mais pelo feminismo que mil livros de militância. A internet criou um "eu" que muda dia a dia como uma máquina que vai se modernizando, recebendo novas engrenagens. Em vez de aniversários, em breve, vamos comemorar aperfeiçoamentos: "Estou comemorando mais 8 gigabytes em minha alma!"

Aliás, acho bom que a internet acabe com as ilusões individualistas que sempre tivemos - de sermos puros e únicos. A verdade é que somos parte de um processo de mutação permanente, e não por "autoanálise", mas

pelos avanços da tecnologia. Assim como a biotecnologia cria seres híbridos, somos cada vez mais híbridos... Somos de carne, osso, chips e tocados por milhões de "outros eus" em rede. Rimbaud escreveu: "O eu é um outro." E o grande Mario de Sá Carneiro, poeta português, melhor do que os vivos lamentosos de Fernando Pessoa, também escreveu: "Eu não sou eu nem o outro/ sou qual-quer coisa de intermédio/ pilar da ponte de tédio/ que vai de mim para o outro." Sujeito e objeto se confundem cada vez mais. Além disso, eu também achava que a cultura humana era uma galáxia infinita de pensamentos e obras. O Google acabou com este sonho infinito. Tudo se arquiva, se ordena. O futuro, como um lugar a que chegaríamos um dia, também morreu. Só há um presente incessante, um futuro minuto a minuto, e não temos ideia de onde chegaremos, por que não há onde chegar...

Bem, amigos, todo este "showzinho" de reflexões individualistas é, na verdade, para comunicar que estou entrando no twitter. Resolvi. "Não quero mais ser eterno, quero ser moderno." Eu, que até pouco tempo só ia até o micro-ondas (que sempre me puniu com apitinhos da porta aberta), eu, que tremo diante de um celular, mudei muito. Saiba que compretei um iPhone e que vou postar coisas no twitter, que se chamará "realja-

bor". O nome será este porque já existe no twitter um cara que usa meu nome... Existe um "jabor" imaginário com, passem, 121.000 seguidores... Não o digo por gabar-me, mas há um jabor com milhares de amigos que não conheço. E aí me pergunto: quem sou eu? E esse cara no twitter - com 121 mil seguidores engajados - por que botou meu nome? Não é por inveja, nem tieragem... Ele parece ser um bom sujeito pelas coisas que fala por mim; não há insultos nem frases que

"You competir com o outro 'jabor', o falso, que me criou sem me consultar"

possam me incriminar com meus "seguidores"... (se bem que ele "posta" também bobagens apócrifas que rolam na web, que me matam de vergonha). E ele? Quem será? Será que ele ama alguém? Quem lhe mandará flores se ele morrer de amores? Por que time ele torce? Como é seu rosto? Vejam meu drama: eu, que não existo, acho boa-praça um cara que não sei quem é... Por que ele não se assume? Eu estava nesta dúvida, quando ou ser eu. Esta terceira pessoa, meio eu, meio ele, existe no espaço virtual e assim não importa o nome, pois, como disse acima, sujeito e objeto se confundem.

Ser eu ou ele é um detalhe desprezível. Aliás, suponho que esses milhares de seguidores sejam ao menos meus amigos... E aí me ocorre a pergunta: o que é um amigo hoje? Como posso ser amigo de pessoas que nunca vi? Antes, amigos tomavam chope com agente, davam conselhos, faziam confidências: "Pô, cara, minha mulher me traiu... que que eu faço?" Era assim. Hoje, os amigos você não vê, não toca; os amigos são algoritmos. As redes sociais estão mudando o conceito de amizade, de amor... A pior forma de solidão talvez seja o sexo virtual, a masturbação a longa distância... Nada mais triste que o post-coitum na internet: gozos, escape e "log off" com os orgasmos se esvaindo na velocidade da luz e a realidade manchando o papel higiênico e as mãos pecadoras.

Assim aprendemos que temos de celebrar as parcialidades: só o fortuito é gozoso. Temos de parar de sofrer por uma plenitude que não chega nunca. Aceitar a "incompletude" talvez seja a nova forma de felicidade. E isso é bom. A web nos mostra que enquanto sonhamos com a plenitude, seremos infelizes. Nunca seremos acompanhados nem totalmente amados. As redes nos trazem uma desilusão fecunda. As redes sociais unem os homens em uma grande solidão.

Outra coisa que me intriga: dizer o que nos tweets? O que é importante? Antigamente se dizia: este filme é importante, este texto é importante... Mas, hoje, para quê? As revoluções clássicas já não existem, a ideia de reunir objetos para um museu do futuro já era. Não há mais algo a ser preservado para amanhã. A importância do futuro foi substituída pelas "conexões" no presente.

A própria ideia de "profundidade" ficou estranha... O que é profundo? Hegel ou o frisson de informar a 121 mil pessoas que acordei com dor de cabeça ou que detestei *A Origem*?... As irrelevâncias em rede ganham uma densidade horizontal, uma superficialidade útil, ao invés de uma grandeza definitiva. Quantidade é qualidade, hoje.

Mas, é óbvio que há uma grande vitória para a democracia nas redes sociais. Há pouco, o massacre de dissidentes no Irã escapou pela internet. As redes denunciam crimes, alavancam negócios, expandem a educação política.

Por isso, resolvi nascer. Estou nascendo hoje na web. Meus primeiros gemidos de recém-nascido começaram hoje. Chamo-me agora www.twitter.com/realjabor e vou competir com o outro jabor, o falso, que me criou sem me consultar.

ARNALDO JABOR

arnaldo.jabor@estadao.com.br



O ponto G da alma

Toda hora um idiota me copia e joga na internet coisas que não escrevi. Há vários, em geral sobre mulheres e amor... Um deles diz: "as mulheres têm um cheirinho gostoso, elas sempre encontram um lugarzinho em nosso ombro."

Há mais... "adoro celulite... qual é essa de bundinhas duras?" e coisas assim. Acreditem que outro dia uma senhora me abordou eufórica: "Eu tenho bunda mole!..." Juro.

Por essas e outras, vou falar um pouco de mulher, eu que mal as entendo na vida.

Não falarei das coxas, seios e bundas... Falo de uma aura mais fluida que as percorre. Vai ser um artigo apócrifo, escrito por mim mesmo.

Li em um lugar que cabeça de mulher é metáfora; de homem é metonímia... entenderam? Nem eu, acho que quer dizer que mulher compõe quadros mentais que se montam em um conjunto simbólico sem fim, como a arte. O homem quer princípio, meio e fim, mais "ciência". Não quero falar de "mulher" sociologicamente, mas sim de seu "sétimo órgão" que todas têm, uma espécie de "ponto G" da alma.

Começo dizendo que "as mulheres nunca estão com a cabeça no lugar e, por isso, querem que os ho-

mens estejam com a sua no lugar onde elas acham que estão.

Não é só o exterior de uma mulher que nos interessa - a lingerie também é importante... A cosmética é a cosmologia da mulher."

Gostaram, feministas? Não? Pois é; essas frases são apócrifas também. Quem escreveu foi o polêmico sacana Karl Kraus, da época de ouro de Viena, famoso fazedor de aforismos e sátiras profundas.

Também faço meus aforismos, me-nores, claro, pois como também dizia o Kraus, "há escritores que conseguem dizer em 20 páginas aquilo para o que preciso até de duas linhas..."

Por isso,erei bem generalista, como só os bons apócrifos sabem fazer... Vamos lá.

O termômetro das mulheres é: "Estou sendo amada ou não? Esse bocojo no seu rosto entediado... Será que ele me ama ainda?"

Elas só pensam nisso. O amor para elas é um lugar onde se sentem seguras, mas, em geral, as mulheres não acreditam em nosso amor. Quando elas têm certeza dele, às vezes param de nos amar. Nelson Rodrigues me contou: "Uma mulher me disse: quando um homem me diz 'eu te amo', perco o interesse na hora."

Mulher adora homem impalpável, impossível; ele ganha uma aura que as

hipnotiza. Toda mulher é "Madame Bovary". O canalha é mais amado que o bonzinho. Mulher não tem critério; pode amar a vida toda um vagabundo que não a merece ou desprezar o devoto. Mulher não quer amor a seus pés.

Ela sofre com o canalha, mas isso a justifica e engrandece, pois ela tem uma missão: convencer o canalha que ele a ama. Já vi mulheres abandonadas e humilhadas, dizendo, lividas de esperança de uma volta: "Ele não sabe que me ama..."

O homem, quando conquista, acha que não tem mais de se esforçar e, aí, dança...

Quando queremos seduzi-las, mesmo sinceramente (no fundo elas sabem que até a sinceridade é volúvel), um sorriso descrente lhes baila na boca. Preferem ser amadas que desejadas. Por isso, a satisfação erótica é uma corrida de obstáculos (Karl Kraus, de novo).

Elas estão sempre um pouco fora da vida social, mesmo quando estão dentro. Pode ser uma empresária brilhante mas, sob o tailleur de executiva, seu corpo lateja de saudades por alguma coisa que desconhece.

No Brasil das celestidades, o feminismo foi um mal-entendido. Muitas vezes rina com galinagem ou até com uma forma velada de prostituição.

Mas, vamos combinar que, no "design", somos uns jipes; elas são Mercedes-Benz voluptuosas e curvilíneas.

Muitas mulheres, para serem amadas, instilam medo no coração do homem. A carinhosa total entendia os maridos - sentem-se enclausurados numa prisão cinco estrelas. O homem só ama profundamente no túmulo. Só o corpo conhece o verdadeiro amor.

Nada mais terrível que a mulher que cessa de te amar. Você vira uma mulher abandonada. O homem corneado, carente, é feto de ver. A mulher enganada ganha ares de heroína, quase uma santidade. Ninguém tem pena do corno. No viril quando é corneado. A mulher nunca é corneada, pois sempre se sente assim. O amor exige coragem. E o homem é mais covarde. O homem, quando conquista, acha que não tem mais de se esforçar; aí, dança...

A mulher quer ser possuída em sua abstração, em sua geografia mutante; a mulher quer o homem para se conhecer. A mulher quer ser possuída, mas não na base do "me come todinha". Falam isso decifrada, pois não sabem quem é. As mulheres não sabem o que querem; o homem acha que sabe. O masculino é o "certo"; o feminino é o insolúvel. O homem é pornográfico; a mulher é amorosa. A pornografia é só para homens.

A mulher é metafísica; o homem é engenharia. A mulher deseja o impossível; ela vive buscando atingir a plenitude mesmo que essa "plenitude" seja um "living" decorado com belas cortinas ou o perfeito funcionamento do lar.

A mulher é mais profunda - é a natureza se parindo. A vida e a morte saem de seu ventre. Ela faz parte do universo que nós vemos de fora, com o pauzinho inerte. Por isso seja tão odiada pela estupidez de assassinos. Elas têm algo de essencial - nós somos um apêndice.

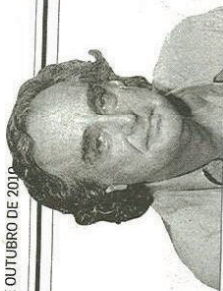
Hoje em dia, as mulheres foram expulsas de seus ninhos de procriação, de sua sexualidade expectante e são obrigadas ao sexo ativo e masculino. A "supergostosa" é homem; ou melhor, é produto de seu desejo quantitativo - daí, mulheres peras, melancias.

No entanto, as mulheres sofrem mais com o mal do mundo. Carregam o fardo da dor histórica. Os homens, por fálcos, escamoteiam a depressão com obsessões bélicas, finanças ou políticas.

As mulheres aguentam a dor incompreendida. O mundo está tão indetermiado que fica feminino, como uma mulher perdida. Mas não é um mundo delicado, romântico e fértil como a mulher; é um mundo-mulher comandado por homens boçais.

ARNALDO
JABOR

arnaldo.jabor@estado.com.br

SEGUNDA-FEIRA
LUCIA GUIMARÃES
MATTHEW SHIRTSTERÇA-FEIRA
ARNALDO JABORQUARTA-FEIRA
ROBERTO DAMATTAQUINTA-FEIRA
LUIS FERNANDO
VERISSIMOSEXTA-FEIRA
IGNACIO DE LOYOLA
BRANDÃO
MILTON HATOUMSÁBADO
MARCELO RUBENS
PAIVADOMINGO
LUIS FERNANDO
VERISSIMO
JOÃO UBALDO RIBEIRO
DANIEL PIZA

Outra vez com sentimento

Muito bonito, hein, ma dâmê? A senhora me aprontou uma dessas, justamente depois de tudo que eu fiz? Pusemos uma equipe de técnicos em make-over, em embelezamento, a bicha te fez um penteado de galo imperial, gastamos um grão em botox, em treinamentos de sorrisos, em ritmo de falas e a senhora me aprontou uma dessas, sem ao menos me avisar de que havia o perigo na área daquela caricatura de burocrata que a senhora me empurrou na Casa Civil? A senhora não sabia que aquela família estava aparelhada lá dentro, filhinhos, genríhos, etc.? Ah, vem aquela lambisgoia do Acre, com sua carinha de índia aculturada, e me ganha a parada, logo depois de euter berrado na televisão contra os ratos da imprensa, essa cambada de mentirosos que teimam em mostrar verdades num mundo como o de hoje, dominado pelas versões? E vem aquela candanga seringueira f&d&r tudo, dando chance a uma nova eleição? É justo isso comigo? Eu que sou uma vitória do proletariado, eu que tenho devotos, eu que sou quase um cário de Nazaré? E os meus 80% de Ibope, é merda, isso? Não vale nada? E a senhora levanta para ela cortar com aquele

papo na TV dizendo há uns meses que é a favor do aborto? Você está pensando que fala com quem? Com aqueles babacas intelectuais que te acham uma "revolucionária"? Não. A senhora tem de falar como eu, para idiotas, para gente que acha que dossiê é um doce, para os padres te esculacharem porque você é a favor do aborto? Tá tudo no YouTube, não adianta desmentir não, que é pior. Lembra quando aquela minha ex-mulher disse que eu tinha tentado obrigá-la a abortar? Perdi tudo, e aí tu me dá uma dessas? Eu só te escolhi porque a senhora é mulher e era obediente, "ta-refeira", tipo: "Vai pichar parede!". "Vou via estar no Ira beijando o aiatolá, se não a senhora não falava aquilo!"

Outra coisa: como vocês, comunistas, são incompetentes!... Oito anos e o PAC está essa bosta, com apenas 15% feito? Sou obrigado a inaugurar placas e aeropoços duas vezes?

Olhe-se no espelho... a senhora pensa que algum jovem vai achar que a senhora é leve e solta, descolada, legal? Tem que sorrir, juvenilmente, como eu... Vamos lá, sorria. Não é assim, não. Olha aqui, eu sou um grande ator e alquimista, ah, ah, pois eu transformo merda em ouro... A senhora não tem minhas covinhas, meu riso franco e puro... Tem de melhorar muito; a senhora tem de ficar mais "tiponga", mais

moderna... Muda essas roupas caretas; por que não compra aquelas batas que a Mercedes Sosa usava? Batas indianas, de batik... E quando falar para os jovens, use umas palavras mais "da hora", pode fazer uns trejeitos meio punks e falar moderninho assim: "Ai, galera jovem, vamos fazer um governo 'irado', na boa, f&d&ão!" Se a senhora pudesse emagrecer... Mas, não dá mais tempo... E não ponha mais botox! Veja o que aconteceu com minha mulher...

"Agora, não sou mais o cara do Obama, que nem quer ver a minha cara... Pode?"

Chama aquele babaca do seu marqueteiro pra te treinar direito... e não diz que adora música brega não - só no sertão, no Nordeste... Diga aos jovens - como é o nome? - ah... diga: "Nos anos 90, eu adorava o Clash!" Isso.

Outra coisa: não faça carinhas de cristã, entre evangélicos e católicos. Não dá uma de Madre Tereza de Calcutá que nego saca que é chifra... Todo mundo sabe que você acha a religião "o ópio do povo", não é isso que o teu mestre falou?... E mais: se o adversário diz que vai aumentar o mínimo para R\$ 600, diz que joga para mil, porra! Pode dizer que depois se vê...

Aprenda o meu truque, sua canastro-na: a senhora tem de fazer uma carinha

de 'vítima', como eu faço, não importa por quê. O povão adora que a gente reclame 'daszelites', como o Jânio fazia - 'vítima' de algo... Até o Hitler fingia que era vítima do mundo todo...

Por sua causa e desses marqueteiros de araque, eu vou ter de ficar de molho uns dias, feito um tatu no Alvorada, até esquecerem o que eu disse... Aprende comigo, porra! Povão gosta de sinceridade, mesmo falsa. Mas tem de fazer direito, se não, percebem... Eles pensam que eu é que fiz o Plano Real, que eu mandei a economia mundial vir para cá, eles pensam que você é minha mulher. Deixa pensar... pode dizer que é minha mulher mesmo - (a outra até ficou com ciúme...)

E agora? Como é que a senhora ainda me deixa aparecer outra 'erenicezinha', como? Quem é essa moça que você chama de 'tupamara' que era sua amiga, que você contratou e que logo, logo entregou R\$ 14 milhões para uma firma sem licitação? Já está aí nas revistas dessas canalhas da imprensa que teimam em mostrar roubalheiras... Será que vou ter de sumir de novo, para não me confundirem com vocês? Será possível que vocês 'alopracados' não podem ficar quietos nunca? Porra!

- Mas, presidente, o senhor também pisou na bola berrando demais contra a imprensa...

- Cale-se! Não fala assim comigo! Eu não erro... Eu estava me esgoelando

do na TV para tapar as cag**das que vocês fizeram!

Ai, que saudades da rainha Elizabeth... Beije a mão dela, lembro do cheiro da mão... Eu até segredei para minha mulher: 'Viu só, mãezinha? Éta nós aqui, hein?' Os europeus todos me puxando o saco, mas até isso acabou, porque fui obedecer vocês comunas burros e acabei beijando aquela bicha do Ira... Agora, não sou mais o cara do Obama, que nem quer ver a minha cara... Pode?

Eu estava curtindo tanto o poder. Chegava a dormir abraçado comigo mesmo, sonhando e beijando-me a mim mesmo: 'Eu me amo, eu me amo...'

Agora, só tenho pesadelos - sonho que estou de volta ao ABC, num torno mecânico... Vocês cortaram minha ondal...

- Mas, e eu, presidente, eu, quem sou eu?

- Você?

- Sim, por favor, diga: quem sou eu?

- Você de antes ou de agora?

- Agora, presidente!

- Bem, você era uma soviética com esses aí... Agora, tem de chegar sendo atrás...

Vamos lá... De novo: sorria mais descoladamente... Não. De novo... Mais uma vez, com sentimento, diz: 'Nunca antes no Brasil...' Repete."

ATÉ O MOMENTO em que escrevo esta crônica, a situação dos dois principais candidatos à Presidência da República continua indefinida. A menos que haja uma súbita mudança na avaliação deles pelo eleitorado, a disputa deve se manter acirrada até o último momento.

Na opinião de Lula e do PT, Dilma Rousseff vencerá o pleito e até, dizem eles, no primeiro turno. É natural que o digam, ainda que da boca para fora, porque se deixarem transparecer a mínima dúvida quanto à vitória, sua candidatura se desfará como um castelo de cartas.

E a razão disso é que essa candidatura se apoia única e exclusivamente na possibilidade de transferência da popularidade de Lula para a candidata que ele inventou.

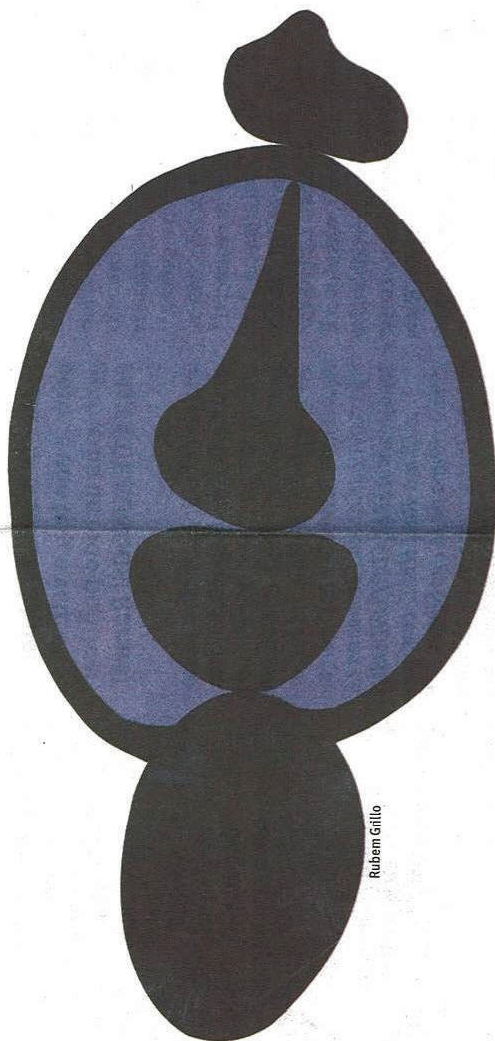
Ela mesma, Dilma, nunca pretendeu candidatar-se a nenhum cargo eletivo, muito menos ao posto supremo da nação. Lula a inventou candidatura apesar disso, mesmo porque não havia muito o que escolher dentro de seu partido.

A hipótese de Lula é que, apresentando Dilma como a continuadora de seu governo, que conta com mais de 70% de aprovação, ela seria eleita. Parece lógico, mas talvez não seja tão simples quanto parece.

Tudo depende de como o eleitor receberá a proposta de Lula, e depende também de como o candidato do PSDB se comportará em face dela. Se José Serra, de fato, não confrontar a tese de Lula, ela prevalecerá e Dilma terá grande chance de vencer as eleições. Mas e se, ao contrário, ele achar que a história não é

Continuidade e alternância

FERREIRA GULLAR



Rubem Gillo

com a inventividade necessária. O eleitor certamente perguntará: qual dos dois candidatos está mais preparado para manter com êxito a continuidade administrativa?

Se levar em conta a história de um e de outro candidato, a folha de serviços de cada um deles, poderá optar por Serra, cuja competência como gestor público está comprovada, no exercício destacado das funções de ministro da Saúde, prefeito e governador de São Paulo, além da atuação parlamentar de indiscutível eficiência.

Por outro lado, como pode Dilma convencer o eleitor de que é mais capaz que Serra de exercer as funções de presidente da República? Só a palavra de Lula não basta, já que tem interesse em manter o poder nas mãos de seu partido. Durante a campanha na TV, poderá o PSDB demonstrar que Dilma nunca desempenhou o papel que Lula lhe atribuiu (mãe do PAC etc.), porque a Casa Civil, que ela chefiou, tem funções de mera assessoria do presidente. Não realiza nada.

Isso sem lançar mão de outro argumento, de grande importância para o país, que é a alternância dos partidos no poder, que a vitória de Serra implicaria. Esse é um fator decisivo para a saúde do regime democrático, porque viabiliza o montante do aparelhamento da máquina estatal pelo partido (ou pelos partidos) que fique no poder por longo tempo.

crise de 2002; continuidade que, na verdade, vem desde o governo Itamar Franco, e que permitiu ao Brasil enfrentar com êxito a crise de 2008.

Logo, se Lula, adversário feroz do governo FHC, o continuou, não há por que Serra não faça o mesmo com respeito ao governo Lula, que deu continuidade às políticas implantadas pelo governo do PSDB.

Pois bem, se José Serra assumir claramente esse opção, como ficará a candidatura de Dilma? O fato de Lula afirmar que ela é a continuação de seu governo não é garantia de que ela será capaz de fazê-lo e

Qual dos candidatos está mais preparado para manter com êxito a continuidade administrativa?

governo FHC e foi graças a isso que obteve o êxito que obteve.

Já imaginou se ele tivesse acabado com o Plano Real, a Lei de Responsabilidade Fiscal, o superavit primário, o Proer e a política de juros do Banco Central, que viabiliza a luta contra a inflação? Foi o temor de que Lula não desse continuidade ao governo anterior que provocou a

bem assim, se entender que a continuidade administrativa é uma norma a ser seguida pelo futuro ocupante do Palácio do Planalto, seja ele quem for?

Até a coisa muda de figura, pois retira da candidatura de Dilma o único argumento que efetivamente a sustenta, uma vez que ela não tem como provar que é capaz de governar o país, mesmo porque nunca governou sequer um Estado e nem mesmo um pequeno município.

Já Serra, se adotasse tal postura, teria um argumento decisivo no fato de que o governo Lula continuou o

AMANHÃ NA ILUSTRADA:

Luiz Felipe Pondé

O PARLAMENTO da Catalunha aprovou lei proibindo as touradas na região, mais precisamente em La Monumetal, a praça de touros de Barcelona, onde, pela primeira e única vez, assisti a uma tourada.

Até então, de touradas, só sabia o que vi no filme "Sangue e Areia" (1941), com Tyrone Power, que assistia, ainda menino, com meu pai, no cinema Olímpia, em São Luís.

Nele, as touradas eram apenas parte de uma história romântica. Mais tarde conheceria algumas gravuras de Picasso que, em vez do romantismo do filme, mostrava o que há de brutal nas corridas de touros.

Assim que, tourada de verdade, só vi mesmo em Barcelona, em companhia do poeta João Cabral, que era então cônsul do Brasil na Espanha. Convidou-me para almoçar naquele domingo e, em seguida, irmos assistir a uma tourada.

Aceitei o convite com muito interesse, na expectativa de viver uma experiência única, já que, por iniciativa própria, eu jamais entraria em uma "plaza de toros".

Fomos. Mal me sentei na arquibancada, fui tomado por uma espécie de euforia, diante daquela arena ainda vazia onde haveria de desenvolver-se um espetáculo de vida e morte.

Enquanto isso, João Cabral me informava acerca das touradas, contando-me que o touro era mantido por dois dias num cubículo escuro sob as arquibancadas, donde seria trazido, ao começar a tourada, para a arena.

Foi então que homens montados a

Eu fui às touradas em Barcelona

FERREIRA GULLAR



Rubem Grillo

loso, agora, ataca-o, tentando atingi-lo com os chifres, mas vê que se enganou, investiu contra a capa com que se protege e o engana. "Hijo de puta!" Deveria balbuciar, se falasse espanhol e touro não fosse, mas gente. Igual àquela gente que se diverte com seu desespero.

Recua estrategicamente e tenta atingir o toureiro, numa investida fulminante e vã: sente uma dor funda, a vista se lhe turva, perde forças e cai sobre as patas dianteiras, soltando golfadas de sangue.

O último golpe de espada atingiu-lhe o coração. Estrebucha, estica as pernas e morre, diante da multidão que aplaude entusiasmamente o toureiro. Este, sorridente, saca de uma faca, aproxima-se do touro morto, corta-lhe uma das orelhas e a exhibe, vitorioso, para o público, que então delira. Indignado, resmungo: "Coisa bárbara!"

João Cabral, surpreso com minha reação, defende a tourada, que seria a vitória da inteligência sobre a força bruta. "Nada disso", respondo. "É a vitória da covardia e do sadismo sobre um animal indefeso".

A esta altura, estamos de novo em sua sala. João me acha demasiadamente ingênuo para compreender a significação das touradas.

Sirvo-me de vinho, e ele, usando a toalha da mesa como uma capa de toureiro, movimentando-se na sala, a desafiar a fúria de um touro imaginário. Era o poeta acostumado a tourear palavras.

AMANHÃ NA ILUSTRADA:

Luiz Felipe Pondê

Não me lembro se, àquela altura, o toureiro já estava presente na arena. De qualquer modo, vejo-o agora aproximar-se do touro e desafiá-lo.

Provoca-o, agitando a capa vermelha, onde traz escondida uma espada. O animal, sangrando muito, encara-o e parece hesitar, se avança sobre ele ou não. Talvez não saiba direito quem o feriu, bem pode ter sido aquele sujeito que parece bailar a sua frente.

Está furioso, atordado e certamente não entende por que o agredem daquela maneira, se nenhum mal lhes fez.

Detêm-se e o encara. Menos cautela

O último golpe atingiu-lhe o coração. Estrebucha e morre. Indignado, resmungo: 'Coisa bárbara!'

cavalo entraram, sob o soar de clarins, um "frisson" percorreu aquela massa de espectadores e eis que de um dos portões sai um touro negro aos galopes.

Invasa a arena mas logo se detém, como que surpreso diante daquela situação inusitada. Não estava entendendo nada: "que faço aqui, diante de tanta gente?" —terá ele se perguntado, sem imaginar que, de fato, havia sido posto ali para morrer.

Como hipnotizado, eu o seguia com os olhos, temendo pelo que havia de ocorrer. Os homens montados nos cavalos correm agora em direção ao touro que se mantém par-

ELE A viu, pela primeira vez, numa fotografia. No mezanino da escola, na parede oposta à dos janelões, havia uma série de fotos que documentavam alguns momentos memoráveis daquele estabelecimento formador de quadros políticos que teoricamente iriam mudar a face do mundo.

Não obstante, ali se realizavam reuniões festivas de que participavam diretores, professores, alunos e tradutores. Lina era uma tradutora e, sem sombra de dúvidas, a mais linda de todas.

Ela ocupava, em primeiro plano, o canto esquerdo da foto, os cabelos presos na nuca e um sorriso que lhe iluminava o rosto redondo de menina. Calçava botas de cano alto e uma saia justa que lhe deixava à mostra os joelhos.

Era como uma fada jovem, numa aparição de encanto, naquele universo político-ideológico. Suspirou, certo de que aquela mulher estava fora de seu alcance, fora do alcance mesmo de seus olhos. Seria, talvez, uma visitante, que ali apareceria como convidada em alguma das festas.

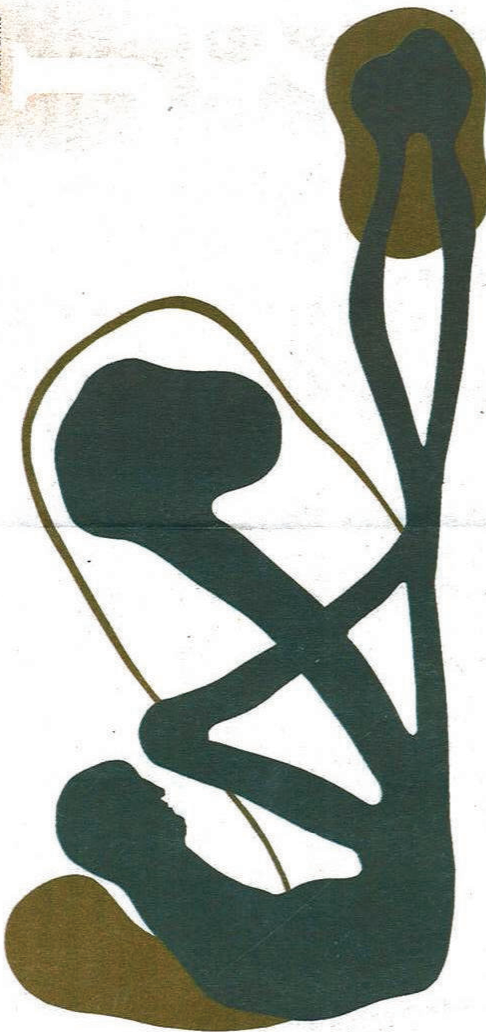
Viu a tal foto na primeira semana de sua chegada ao instituto, quando os cursos mal se iniciavam e as turmas ainda estavam incompletas. Poucos dias depois, as aulas começavam e foi aí que a viu em pessoa, lanchando na "stalovala" da escola. Ela estava numa mesa próxima, tomando café e conversando com um grupo que falava espanhol.

Em determinado momento, seus olhos se cruzaram, mas ela logo se voltou para alguém, disse-lhe alguma coisa ao ouvido e riu discretamente. De noite, na cama, antes de

Morte com data certa

FERREIRA GULLAR

Rubem Grillo



viver.

Ela era casada, vivia com o marido mas já não eram marido e mulher: é que, no socialismo, se o casal ganhara um apartamento, não tinha direito a outro, pouco importando se o casamento acabara ou não. Na primeira noite em que ela o levou à sua casa, o marido ainda não havia chegado. Serviu-lhe um jantar, na cozinha, e ele, não podendo conter-se, declarou-se apaixonado por ela. Foi então que Lina lhe ofereceu a boca para um beijo que jamais esqueceria.

O marido, Andrei, chegou lá pelas nove horas. Beberam vodca juntos e, como nevasse muito, aproveitou para dormir lá mesmo, no sofá da sala. De manhã, quando o marido se preparava para ir trabalhar, fingiu que ainda dormia e só se levantou depois que ele se foi. Aí entrou no quarto, jogou-se sobre Lina na cama e se amaram loucamente.

Mas aquele amor tinha data certa para acabar: terminaria o curso e ele teria de deixar o país. Na véspera da partida, foi para a casa dela e lá ficaram, os dois, de mãos dadas, beijando-se e chorando. Nem ele podia ficar nem ela podia mudar de país. Sem alternativa e para não perder o metrô, decidiu ir embora, sabendo que nunca mais a veria na vida. Mesmo assim, saiu e atravessou o parque, como um autômato.

Na manhã seguinte, como um autômato, foi para o aeroporto, entrou no avião e partiu. Faz 37 anos e seis meses. Nunca mais se viram.

trô. Pouco depois, tomavam o trem, desciam na estação perto da casa dela e, já de mãos dadas, penetravam num parque escuro e deserto àquela hora da noite.

Puxou-o pela mão, sentaram-se num banco e ela, sorrindo, soltou os cabelos ruivos que lhe caíam encastadoramente sobre o rosto. Tentou beijá-la, mas ela se esquivou, ergueu-se do banco e o levou pela mão até à porta do edifício onde morava.

Ali, beijou-o na testa e, com um adeusinho, sumiu no portão. Ele, de volta a seu quarto na "abcheite", mal acreditava no que acabara de

Na cama, antes de dormir, lembrava-se dela, daquele sorriso, daqueles cabelos ruivos presos na nuca

turbava.

Por sorte, algumas semanas depois, houve uma festa promovida pelo coletivo argentino, com tangos e tudo o mais, e nessa noite ele a tirou para dançar. Disse-lhe ao ouvido que a achava linda ("ótin craciva") e ela empalideceu. Quando a festa acabou, ela, nervosa, sussurrou-lhe que a esperasse na estação do me-

dormir, lembrava-se dela, daquele sorriso, daqueles cabelos ruivos presos na nuca.

Soube depois que era tradutora encarregada dos coletivos de alunos de língua espanhola, todos latino-americanos. Como os brasileiros se enturmavam com estes, também se davam com ela e foi assim que, certa tarde, na mesma lanchonete, ela sentou-se na mesa em que ele estava com um casal carioca.

Foram apresentados e ela não pareceu dar maior importância ao fato, embora ele tivesse a impressão de que o seu olhar de algum modo a per-

AMANHÃ NA ILUSTRAÇÃO:

Luiz Felipe Pondé

Reencontro com Antonin Artaud

FERREIRA GULLAR



Ruben Grillo

NOS MEUS primeiros anos no Rio de Janeiro, tornei-me rato de livraria, não apenas porque gostava de livros, mas também porque, muitas vezes, necessitava encher o dia.

Meu emprego era na "Revista do IAPC", que ficava na rua Alcino Guanabara, quase em frente ao bar Amarelinho. Se nenhum amigo passava em minha sala para bater papo nem me ocorria nenhuma ideia para um poema, começava a me sentir ansioso e saía a andar pelas ruas.

La parar em alguma livraria ou numa loja de aves, rua Sete de Setembro, quase esquina com rua Primeiro de Março.

Essa loja fedia muito, tantas eram as aves que havia ali, presas em grande gaiolas. Havia de tudo, de canários-da-terra e araras coloridas até aves estranhas, como um nhambu, pernalta e meditativo. Voltei várias vezes só para vê-lo e tomar um caldo de cana gelado num botequão que havia perto.

Mas, afinal, o que me atraía àquela loja de aves? É que algo ali me lembrava "Les Chants de Maldoror" ("Os Cantos de Maldoror"), de Lautréamont, que lera recentemente na Biblioteca Nacional e, por mais que fuçasse, não o achava em nenhuma livraria.

Mas achei uma coisa inesperada: um exemplar da revista "Les Cahiers de la Pléiade" (primavera de 1949), que me deixou maravilhado: é que uma parte dela era dedicada a Antonin Artaud, incluindo um poema inédito e um testemunho de Claude Nerguy, contando a visita que lhe fizera, poucos dias antes de

"ainda mais uma preciosidade como essa". Tinha razão. Mesmo assim, ao longo dos anos, não me emendei, continuei a emprestar livros preciosos ou raros, que nunca me devolveram.

E, ao longo desses anos — mais de 50 —, de vez em quando, se lia ou ouvia algo sobre Artaud, sofria de novo a perda da revista e maldizia o caráter daquele sujeito que descaçada e insensivelmente se apropriava de uma coisa que, para mim, tinha valor inestimável.

Faz pouco, falei disso com Kaira Cabañas — crítica de arte e curadora de importantes mostras internacionais —, que prepara uma exposição sobre Antonin Artaud, a se realizar no Museu Reina Sofía, de Madri.

Ela deseja expor ali alguns exemplares daquela edição pirata que fiz do poema de Artaud, em 1954. Só que aqueles a quem dei os exemplares já se foram e nem mesmo a que guardei comigo existe mais. Nem poderia imaginar que teriam importância no futuro. Em compensação — pasmem vocês —, Kaira Cabañas acaba de me enviar um exemplar daquela revista, de cuja perda jamais me refizera.

Ao abrir o pacote e me deparar com ela, de capa amarelo-ocre, pensei estar vivendo um sonho. E, como se sonhasse, procurei nela o texto sobre Artaud, o poema que copiara... estava tudo lá. Maravilhado! É, de uns tempos para cá, deu para chover na minha horta.

AMANHÃ NA ILUSTRADA:

Luiz Felipe Pondé

revista emprestada, alegando estar escrevendo um artigo sobre Artaud para um suplemento literário. Hesi-tei em emprestá-la, mas ele jurou que a devolveria em quatro dias, no máximo. Terminei cedendo. Ele pegou a revista e sumiu.

Passados os quatro dias, tentei localizá-lo em vão. Meses depois, deparo-me com ele na rua. Desculpa-se, alegando que viajara inesperadamente porque sua mãe adoecera, acabava de voltar e ia me procurar para devolver a revista. "Vou buscá-la agora", disse, e sumiu de novo.

"Livro não se empresta" — advertiu minha amiga Lucy Teixeira —,

Na revista, havia um poema em que se dizia 'um puro espírito' e insultava Deus; decidi distribuí-las

que sou inimigo da sexualidade". Quando deixam aquele quarto opressivo, a moça diz: "Em lugar de olhos, ele tem relâmpagos".

Na revista, havia um poema inédito de Artaud em que ele se dizia "um puro espírito" e insultava Deus. Era um poema estranho, impactante e belo. Foi então que decidi datilografá-lo em várias cópias e distribuí-las entre meus amigos.

Certo dia, um deles pediu-me a

sua morte, numa casa de repouso, em Ivry, para onde tinham-no transferido depois de várias internações em manicômios. Nerguy e sua companheira ficaram chocados ao encontrar-lo tão magro, de camisa suja e olhar alucinado.

Durante aquela visita, Artaud tomou de um martelo e começou a bater violentamente num bloco de madeira, enquanto declamava exasperado um poema incompreensível: "É assim que marco o ritmo de meus versos", berrava.

No final da visita, quando Nerguy lhe pediu que autografasse um livro, escreveu: "Para Claude, sob a condição de manter-se só, uma vez

Na crônica que publiquei aqui, sobre Noel Rosa, falei de um show sobre ele, que pensei realizar mas desistira do projeto ao saber que este é o ano do centenário de seu nascimento e que muita coisa já se estava fazendo para homenageá-lo.

A ideia do show me surgiu ao ouvir, depois de anos, os sambas de Noel, e achei que muita gente também iria gostar de ouvi-los de novo.

O show imaginado por mim teria apenas uma intérprete, poucos músicos e muita conversa sobre o compositor e sua curta vida. A mistura dessas duas coisas me parecia interessante, mas certamente não era lá uma sacação tão original.

Devo esclarecer que nunca me atrevi a escrever ou realizar qualquer espetáculo musical e não seria agora que me aventuraria a fazê-lo.

Sonhei com ele, imaginei-o: uma cantora com um violão a interpretar os sambas deliciosos de Noel que, se não estou equivocado, deu à nossa música popular muito mais malícia, bom humor e um modo irrevêrente de cantar o amor e outros assuntos às vezes estranhos ao nosso repertório musical. Ele só raramente mostrava-se romântico e, quando o fazia, jamais descambava para o sentimentalismo deslavado. "Enquanto você faz pano/ Faço junto do piano/ Estes versos pra você." Era isso que deveria mostrar o show que não houve.

Porque pensei numa cantora apenas, com um violão e uns poucos músicos? Porque não vejo suas músicas num grande musical, executado por grandes orquestras. Vejo-o, como de fato foi, cantando em

O show que não houve

FERREIRA GULLAR

Rubem Grillo



sambas com 56 parceiros, sem contar os sambas de outros, a que acrescentou um verso aqui, um acorde ali, sem querer tirar patente.

E que compor, cantar e farrear era o seu prazer maior, sem o que a vida não fazia sentido. Nascera para aquilo, tanto que, enquanto os outros sambistas buscavam os meios profissionais, o estúdio das rádios, os restaurantes frequentados por gente do ramo, Noel se enturmava mesmo era com os malandros dos botecos de subúrbios e das favelas.

Teria que falar também de seus namoros e amores, que não foram poucos e nem sempre deram certo:

"Se alguma pessoa amiga/ Pedir que você lhe diga/ Se você me quer ou não/ Diga que você me adora/ Que você lamenta e chora/ A nossa separação/ E às pessoas que eu de testo/ Diga sempre que não presto/ Que meu lar é o botequim/ E que eu arruinei sua vida/ Que não mereço a comida/ Que você pagou pra mim". Lindaura, com quem o obrigaram a casar-se, sofreu o diabo em suas mãos, mas foi no colo dela que descansou a cabeça, pouco antes de deixar para sempre sua Vila Isabel e as noites de farra.

Mas um show não pode terminar, assim, para baixo, pensei. Foi quando me voltei e vi, na última fila da plateia, um sujeito magro, de queixo torto, que se levantou e saiu, antes que a luz acendesse.

AMANHÃ NA ILUSTRADA:

Luiz Felipe Pondé

Teria apenas uma intérprete, alguns poucos músicos e muita conversa sobre Noel Rosa e sua curta vida

E entre uma música e outra, diria de sua irresistível vocação para a boemia, das noites no Café Nice, dos papos com Lamartine Babo, Ismael Silva, Orestes Barbosa, sem falar nos instrumentistas e nas cantoras, como Custódio Mesquita e Aracy de Almeida, sua intérprete preferida.

"Eu sou diretora da Escola do Estácio de Sá/ E felicidade maior neste mundo não há/ Já fui convidada para ser estrela de nosso cinema/ Ser estrela é bem fácil/ Sair do Estácio é que é o 'x' do problema".

Haveria muita coisa interessante a contar da vida de Noel, que fez

rodas de boêmios com seu violão.

Certamente, pode-se levar suas composições à execução de grandes orquestras, mas esse não seria o Noel com que me identifiquei e com o qual, por isso, o meu show começaria com a cantora interpretando, com muita graça, seu primeiro sucesso: "Eu hoje estou pulando que nem sapo/ Pra ver se escapo/ Desta praga de urubu/ Já estou coberto de farra po/ Euvou acabar ficando nu".

Se fosse noutra época, a cantora poderia ser Nara Leão; hoje, escolheria Marisa Monte ou Adriana Calcanhotto. Já imaginei o encanto novo que qualquer delas empresta-